

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS DA LINGUAGEM

CRISTIANE NAVAIS

PROSÓDIA E PERSUASÃO NO DISCURSO RELIGIOSO NEOPENTECOSTAL: *um
estudo de caso*

Mariana

2017

CRISTIANE NAVAIS

PROSÓDIA E PERSUASÃO NO DISCURSO RELIGIOSO NEOPENTECOSTAL: *um estudo de caso*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Leandra Batista Antunes

Linha de Pesquisa: Tradução e Práticas Discursivas

Mariana

2017

N318p

Navais, Cristiane.

Prosódia e Persuasão no Discurso Religioso Neopentecostal [manuscrito]: um estudo de caso / Cristiane Navais. - 2017.

93f.: il.: color; grafs; tabs.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Leandra Batista Antunes.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem.

1. Língua portuguesa - Versificação. 2. Discursos, alocações, etc. 3. Religião. 4. Persuasão (Retórica). I. Antunes, Leandra Batista. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 8171(043.3)



Cristiane Navais Alves

Prosódia e Persuasão no Discurso Religioso Neopentecostal: um estudo de caso

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da UFOP como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras. Aprovada em 12 de maio de 2017 pela Comissão Examinadora constituída pelos membros:

Profa. Dra. Leandra Batista Antunes
(Orientadora da pesquisa)
Universidade Federal de Ouro Preto
UFOP

Profa. Dra. Adriana Nascimento Bodolay
Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri
UFVJM

Prof. Dr. Paulo Henrique Aguiar Mendes
Universidade Federal de Ouro Preto
UFOP

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus pais e ao meu irmão, Pablo, por todo apoio, incentivo. Em especial, agradeço à minha mãe por ser, além de tudo, “psicóloga”. Saibam que me sinto lisonjeada por ser motivo de orgulho para vocês.

À UFOP, especialmente ao POSLETRAS e aos professores, pelos ensinamentos acadêmicos ou não.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por financiar parte deste estudo.

À minha amada orientadora e amiga, Leandra, pela maior parte do que há em conhecimento neste trabalho. A você, toda minha gratidão por esses longos anos de aprendizado pessoal e profissional.

Ao professor Melliandro, pelas considerações relevantes acerca do texto de qualificação.

Ao Grupo de Estudos de Língua Portuguesa (GELP) pelas discussões enriquecedoras.

Ao querido amigo Leandro Moura, a quem apelidei carinhosamente de “Co” (coorientador), por estar sempre disposto a ouvir e a colaborar.

Às amigas, Aline, Laís, Lets, Lukelly, Paty e Taís (*sempre presente*) pelo companheirismo e amizade sincera. Ter vocês por perto foi e é fundamental.

Aos queridos, Lê e Naaman, por cada “troca de figurinhas” e por serem ótimas companhias. Os próximos são vocês!

Aos colegas do 08.2 e do mestrado, por compartilharem momentos tão especiais e por tornarem a caminhada um pouco mais suave.

Às moradoras da minha amada república, K-xuêra, pelo carinho e momentos em família.

Obrigada, Universo!

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo verificar o papel da prosódia na persuasão no discurso religioso neopentecostal. Para isso, procuraremos mostrar o comportamento de determinados parâmetros prosódicos nos afetos sociais de autoridade, conselho, crítica e falsa modéstia, bem como discutir a importância desses afetos na construção do *ethos* discursivo e do discurso em questão. Analisamos dois líderes brasileiros de forte influência midiática e analisamos como eles conduzem suas pregações, do ponto de vista prosódico e discursivo, sinalizando na fala seus afetos, posicionamentos, julgamentos e valores e como a conjunção desses fatores contribui para persuadir. O *corpus* da pesquisa é composto por 8 vídeos (4 para cada locutor) de cultos religiosos televisionados. Desses vídeos foram selecionados 180 enunciados contemplando os respectivos afetos sociais: neutro, autoridade, conselho, crítica e falsa modéstia. Os enunciados foram analisados acusticamente por meio do *software* PRAAT[®], em que foram observadas questões relacionadas à F₀, à duração e à intensidade. Outro parâmetro observado, porém perceptivamente, foi a qualidade de voz. O resultado comprovou que a prosódia, um dos componentes linguísticos responsáveis pela construção do sentido em discursos orais, contribui para a persuasão no discurso religioso neopentecostal por meio dos afetos sociais de fala.

PALAVRAS-CHAVE: Prosódia; Discurso; Discurso Religioso; Persuasão.

ABSTRACT

This work is aimed at verifying the role of prosody in persuasion within the Neopentecostal religious discourse. To do so, we will show how certain prosodic parameters behave in social affects of authority, advice, criticism, and false modesty, as well as discuss the importance of these affects at construing the discursive *ethos* and the discourse studied. We analyzed two Brazilian leaders strongly influent in the media and how they preach, from a prosodic and discursive standpoint, signaling in their speech their affects, attitude, judgments, values, and how the synchrony among these factors contribute to persuading their audience. The *corpus* of this study is composed by 8 videos (4 for each speaker) of religious cults aired on television. From these videos, 180 utterances were selected contemplating the respective social affects: neutral, authority, advice, criticism, and false modesty. The utterances were acoustically analyzed using the software PRAAT[®], which made possible to observe issues related to the F_0 , the duration and the intensity. Another parameter observed (perceptively) was voice quality. The result showed that prosody, one of the linguistic components responsible for the construction of meaning in oral discourses, contributes to persuasion within the Neopentecostal religious discourse throughout the speech social affects.

KEYWORDS: Prosody; Discourse; Religious Discourse; Persuasion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Onda sonora, espectrograma, curvas de intensidade (amarelo) e de F_0 e tiras da grade de textos com a rotulação da atitude, os valores de F_0 (azul), os movimentos melódicos finais e o valor da duração total do enunciado “Alguém tinha deixado na Bandeirantes”, dito por R. R. Soares.....	59
Figura 2 – Forma de onda, espectrograma, curva melódica, grade de texto em transcrição fonética do enunciado de autoridade “Desapareça e não volte mais.” do locutor R. R. Soares.....	67
Figura 3 – Forma de onda, espectrograma, curva melódica, grade de texto em transcrição fonética do enunciado de conselho “Não deixe o inimigo lhe enganar.” do locutor R. R. Soares	72
Figura 4 – Forma de onda, espectrograma, curva melódica e grade de texto em transcrição fonética do enunciado de falsa modéstia “Eu diria que eu sou um servente que constrói” do locutor Valdemiro Santiago	78
Figura 5 – Contorno da curva melódica da frase “Eu num posso produzir isso”...	80
Figura 6 – Contorno da curva melódica da frase "Mas eu não desisto."	80
Figura 7 – Curva melódica do movimento de crítica A com movimento de ênfase ascendente na frase "Eu não vou passar" do locutor Valdemiro Santiago	84
 Gráfico 1 – Movimento final descendente dos afetos sociais de autoridade (vermelho) e neutro (azul) para R. R. Soares	 66
Gráfico 2 – Movimento final descendente dos afetos sociais de conselho (vermelho) e neutro (azul) para R. R. Soares	71
Gráfico 3 – Movimento final descendente dos afetos sociais de falsa modéstia (vermelho) e neutro (azul) para Valdemiro Santiago	78
Gráfico 4 – Movimento final dos enunciados de crítica A (vermelho), crítica D(verde) e neutros (azul), em semitons por cem Hertz	83

Quadro 1 – Funções linguísticas dos suprasegmentos prosódicos, adaptado de Cagliari (1992)	36
Quadro 2 – Afetos sociais: definição e contextualização	56

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Medidas dos pontos de F_0 (inicial, final, máximo, mínimo e média), em semitons por cem Hertz, e desvio padrão, entre parênteses, dos enunciados de autoridade (30) e neutros (30)	62
Tabela 2 –	Média da taxa articulação e de elocução dos enunciados neutros e de autoridade do locutor R. R. Soares, em sílabas por segundo (síl/s)	65
Tabela 3 –	Média de intensidade para as expressões de autoridade e neutras, dada em decibéis (dB)	66
Tabela 4 –	Medidas dos pontos de F_0 (inicial, final, máximo, mínimo e média), em semitons por cem Hertz, e desvio padrão, entre parênteses, dos enunciados de conselho (30) e neutros (30)	67
Tabela 5 –	Média da taxa de elocução dos enunciados neutros e de conselho do locutor R. R. Soares, em sílabas por segundo (síl/s)	69
Tabela 6 –	Média de intensidade para as expressões de conselho e neutras, dada em decibéis (dB)	70
Tabela 7 –	Medidas dos pontos de F_0 (inicial, final, máximo, mínimo e média), em semitons por cem Hertz, e desvio padrão, entre parênteses, dos enunciados de falsa modéstia e neutros para o locutor Valdemiro Santiago	74
Tabela 8 –	Média da taxa de elocução dos enunciados neutros e de conselho do locutor Valdemiro Santiago, em sílabas por segundo (síl/s)	78
Tabela 9 –	Medidas dos pontos de F_0 (inicial, final, máximo, mínimo e média), em semitons por cem Hertz, e desvio padrão, entre parênteses, dos enunciados de crítica A (11 enunciados), crítica D (19 enunciados) e neutros (30 enunciados)	78
Tabela 10 –	Média da taxa de elocução dos enunciados neutros e de crítica A e crítica D de Valdemiro Santiago, em sílabas por segundo (síl/s).....	81

LISTA DE ABREVIATURAS

IIGD	Igreja Internacional da Graça de Deus
IMPD	Igreja Mundial do Poder de Deus
F₀	Frequência Fundamental
Hz	Hertz (ciclos por segundo)
dB	decibéis
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
ms	milissegundos
s	segundos
st/100Hz	semitons por 100 Hz
st/s	semitons por segundo
síl/s	sílabas por segundo
DP	desvio padrão
N	número de frases analisadas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
JUSTIFICATIVA	16
OBJETIVOS	18
PLANO	19
1. A ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO RELIGIOSO	20
1.1 Concepções de discurso e de discurso religioso	20
1.2 Retórica, argumentação, discurso e persuasão.....	22
1.3 Discurso religioso neopentecostal nas pregações.....	24
1.4 A persuasão no discurso religioso.....	26
1.4.1 O efeito patêmico.....	28
1.5 A prosódia no discurso religioso.....	29
2 PROSÓDIA.....	33
2.1 Conceitos e funções.....	33
2.2 Análise acústica da prosódia: parâmetros	38
2.2.1 Frequência fundamental (F ₀).....	38
2.2.2 Duração.....	40
2.2.3 Intensidade.....	41
2.2.4 Qualidade de voz.....	42
2.3 A prosódia nos afetos sociais.....	43
2.4 A persuasão e os afetos sociais no estudo prosódico.....	46
3 METODOLOGIA	51
3.1 Os sujeitos.....	51
3.1.1 Romildo Ribeiro Soares.....	51
3.1.2 Valdemiro Santiago de Oliveira.....	52
3.2 O corpus.....	53
3.3 Seleção de trechos persuasivos segundo análise perceptiva.....	54
3.4 Análise prosódica.....	58
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	60
4.1 Análise perceptiva e escolha dos enunciados.....	60

4.2 Construção discursiva de Romildo Ribeiro Soares para persuadir.....	62
4.2.1 Análise prosódica da autoridade do pastor R.R. Soares.....	65
4.2.1.1 Medidas pontuais e movimentos de F_0 : neutro x autoridade.....	65
4.2.1.2 Medidas de duração: neutro x autoridade.....	68
4.2.1.3 Medidas de intensidade: neutro x autoridade.....	69
4.2.2 Análise prosódica do conselho do pastor R.R. Soares.....	70
4.2.2.1 Medidas pontuais e movimentos de F_0 : neutro x conselho.....	70
4.2.2.2 Medidas de duração: neutro x conselho.....	73
4.2.2.3 Medidas de intensidade: neutro x conselho.....	74
4.2.3 Qualidade de voz.....	74
4.3 Construção discursiva de Valdemiro Santiago para persuadir.....	75
4.3.1 Análise prosódica da falsa modéstia do pastor Valdemiro Santiago.....	77
4.3.1.1 Medidas pontuais e movimentos de F_0 : neutro x falsa modéstia.....	77
4.3.1.2 Medidas de duração: neutro x falsa modéstia.....	81
4.3.2 Análise prosódica da crítica do pastor Valdemiro Santiago.....	81
4.3.2.1 Medidas pontuais e movimentos de F_0 : neutro x crítica.....	81
4.3.2.2 Medidas de duração: neutro x crítica.....	84
4.3.3 Qualidade de voz.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS.....	89

INTRODUÇÃO

A linguagem, vista como prática social, tem sido objeto de muitas pesquisas na atualidade. Isso porque muitos linguistas têm dado especial atenção à função social da linguagem, ou seja, à necessidade do homem em se comunicar e estabelecer relações variadas a fim de interagir socialmente por meio do discurso (KOCH, 2002).

Em esferas discursivas como a religiosa, a política, a publicitária e a jurídica, é notória a utilização da linguagem como mecanismo de persuasão e poder. Por esse motivo muitos trabalhos que vêm sendo desenvolvidos são voltados para a análise dos mecanismos linguísticos envolvidos no processo discursivo e em como os discursos estão ancorados nos quadros institucionais, como os de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1997), Charaudeau(2000; 2010) e Amossy (2005; 2008; 2011).

Com a crescente proliferação de seitas e igrejas, pela facilidade com que seu discurso chega às pessoas, devido ao aparato tecnológico utilizado com esse fim, e pelo efeito que esse discurso pode causar nessas pessoas, o discurso religioso tem sido alvo de muitas análises no campo da linguística, como as de Patriota e Almeida (2006); Silva, Córdula e Bolella (2007) e Moura (2009).

O locutor do discurso religioso desempenha uma função social perante seu público, dada sua posição social que lhe possibilita gozar da autoridade de ser o detentor da palavra. Nesse discurso temos uma situação comunicativa legitimada pelo contexto e pelos sujeitos envolvidos, como ressalta Amossy (2008):

(...) o poder das palavras deriva da adequação social do locutor e seu discurso: o discurso não pode ter autoridade se não for pronunciado pela pessoa legitimada a pronunciar-lo em uma situação legítima, portanto, diante de receptores legítimos. (AMOSSY, 2008, p.120)

Como é sabido, grande parte dos evangélicos se envolve com a religião, ou é cativado por ela, por meio do discurso oral, e é por isso que nos chama atenção a forma como os líderes religiosos estruturam seus discursos, principalmente em seus aspectos prosódicos, a fim de atrair o ouvinte para mensagens específicas de modo a persuadir-lhes.

Sendo assim, é relevante investigar como certas intenções e atitudes são veiculadas através da fala e, para isso, volta-se o olhar para um dos componentes discursivos da oralidade responsável por essas identificações, a prosódia. No discurso

oral, a colocação da voz, o modo de falar do locutor é um dos aspectos essenciais para convencer o ouvinte de sua intenção. As escolhas prosódicas do sujeito enunciador estão ligadas ao contexto situacional de interação, motivadas por uma intencionalidade. Nesse sentido, essas escolhas configuram parte essencial da estratégia do falante para orientar o ouvinte na construção de significado.

Para analisar a intenção do locutor do ponto de vista prosódico nos nortearmos pela definição de afetos sociais proposta por Mac e colaboradores (2012), que são apontados, por esses autores, como parte fundamental da interação face a face. Os afetos sociais marcam intenções e pontos de vista do falante e podem dar indícios sobre a realidade da interação (como na expressão da autoridade); sobre o contexto social dessa interação (como na expressão da timidez); ou ainda sobre outros aspectos envolvidos no discurso. Afetos sociais são determinados por uma cultura e desenvolvem-se por meio da aprendizagem que ocorre no convívio e na interação social.

Além de mostrar a contribuição significativa da prosódia na construção das situações orais de comunicação e pelo fato de a análise prosódica ser pouco contemplada em trabalhos sobre discursos orais persuasivos, este trabalho ressalta a importância em destacar a projeção do discurso da oralidade de líderes religiosos brasileiros de grande destaque na mídia, diante do crescente aumento de fiéis evangélicos no Brasil nos últimos anos. A adesão do público ao discurso deve estar ligada, portanto, à forma como os líderes religiosos proferem seus discursos e como o interlocutor processa o conteúdo proferido, fazendo o líder ganhar a credibilidade dos fiéis.

Não cabe a este trabalho constatar o que sentem os espectadores e os ouvintes e como eles reagem frente ao discurso religioso persuasivo, mas interessa-nos verificar alguns recursos utilizados pelos locutores a fim de incitar possíveis emoções e comportamentos em seus interlocutores. Acreditamos, assim como Charaudeau (2000), que as respostas dos ouvintes e espectadores obedecem às regras sociais da comunidade a que pertencem, bem como a todo juízo de valor ali compartilhado. Como o discurso a ser estudado neste trabalho é propagado por meio da fala, a forma como o líder religioso conduz suas pregações, do ponto de vista prosódico, vai sinalizar na fala seus afetos e também seus posicionamentos, julgamentos e valores. Sincronizados, esses fatores podem colaborar significativamente para persuadir.

Vale a pena lembrar que não tratamos o discurso religioso como verdade, mas como aquilo que parece plausível a uma determinada comunidade devido aos valores e crenças compartilhados entre produtor e receptores desse discurso. A linguagem nessa situação de comunicação é uma ferramenta que permite que os envolvidos cheguem a um acordo consensual sobre o que é conveniente pensar e fazer em determinadas situações, como pensam Perelman e Olbrechts-Tyteca (1997).

Os interlocutores desse discurso são pessoas que buscam uma interpretação convincente dos textos contidos no objeto fonte (textos bíblicos) conduzida pelas autoridades do discurso – no caso deste trabalho, os pastores; com isso, os locutores articulam suas pregações de maneira a cativar e convencer os fiéis (PATRIOTA; ALMEIDA, 2006). A interpretação das mensagens bíblicas, segundo Moura (2009), sempre pode ser outra, porém as condições de produção e o próprio locutor impõem limites a essa circulação de ideias, o que significa que a interpretação pode variar, mas não de maneira aleatória. Nesse tipo de interação social em que as influências são recíprocas, nota-se que a persuasão surge por meio do discurso que funciona como uma negociação do que seja conveniente segundo as convicções daquela comunidade.

Analisaremos nesta pesquisa pregações midiáticas de líderes de duas igrejas neopentecostais brasileiras. Buscamos, assim, analisar trechos do discurso oral desses dois sujeitos em que estejam presentes os afetos sociais que mais acentuam a persuasão nesse discurso religioso. O *corpus* foi coletado através do site de compartilhamento de vídeos Youtube (<www.youtube.com.br>), no qual se encontram disponíveis vídeos dos cultos que foram conduzidos por esses dois líderes e transmitidos ao vivo na TV aberta.

JUSTIFICATIVA

O crescente número de evangélicos no Brasil¹ e, conseqüentemente, o declínio da supremacia católica no país fez surgir um novo cenário social no quadro religioso brasileiro. A proliferação de religiões e “a democratização da fé” forçaram o discurso religioso a ser menos autoritário e mais persuasivo, visto que a intimidação exacerbada pode provocar a perda do fiel para outra igreja (BOLELLA, 2006). O indivíduo que procura conforto religioso quer ser convencido pelas interpretações dos textos contidos nas Escrituras (PATRIOTA; ALMEIDA, 2006), por esse motivo o fiel não deve ser forçado a crer em determinada ideologia, mas sim conquistado, convencido de que nela encontrará o conforto espiritual que procura.

Atualmente o Brasil é a segunda maior nação em número de religiosos evangélicos de origem pentecostal (que se dividem em “clássicos” e “neopentecostais”)². Esse número não chama atenção apenas demograficamente, mas também midiaticamente, pois a maioria dos programas religiosos veiculados no Brasil pela TV aberta são de ideologia neopentecostal. Pensando na propagação da fé através do rádio, da televisão e da *internet* e no crescente aumento dos fiéis evangélicos no Brasil nos últimos anos, acreditamos que a adesão do público esteja ligada à forma como os líderes proferem seus discursos do ponto de vista oral, principalmente, ganhando a credibilidade dos fiéis.

Outro fator interessante no estudo da voz no discurso religioso oral é que, em eventos comunicativos longos como as pregações, há uma preocupação do locutor em tirar o ouvinte de sua posição confortável de “escutador” e fazê-lo “assimilador”. Para esse efeito o locutor precisa, por meio de sua voz, incentivar o comportamento ativo do ouvinte, fazendo com que ele volte a atenção para aquilo que está sendo comunicado.

O discurso religioso, assim como os demais, é uma forma de interação social e traz consigo uma evidente marca ideológica. Nesse domínio discursivo temos uma fala

¹Segundo dados do último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de evangélicos aumentou 61,43% em dez anos. Isso significa que, em 2010, aproximadamente 42 milhões de brasileiros se declararam evangélicos, em contraste com 26,2 milhões que assim se declararam no Censo de 2000. Estima-se que esse número tenha aumentado nos últimos sete anos. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/06/numero-de-evangelicos-aumenta-61-em-10-anos-aponta-ibge.html>> Acesso em: jul. 2015.

²Os carismáticos (como são chamados os neopentecostais) formaram uma igreja paralela aos pentecostais, porém com algumas divergências. Os neopentecostais são mais flexíveis teologicamente e diferem dos pentecostais também quanto aos costumes. É o grupo que mais cresce atualmente no Brasil devido a um maciço investimento na mídia, como é o caso das igrejas Universal do Reino de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus.

orientada pela perspectiva do locutor que se organizou de forma compatível às suas intenções e ao grupo ao qual se refere (PATRIOTA; ALMEIDA, 2006).

Pensando na maneira como esse discurso é proferido, por meio da fala, consideramos relevante analisar a prosódia e suas variadas funções³, uma vez que elas podem contribuir para persuadir, quando bem articuladas ao discurso e a suas intenções. Ao utilizar a fala como instrumento de propagação do discurso, o locutor vai, sem dúvida, valer-se da prosódia como elemento discursivo estratégico para algumas dessas funções:

Demarcar as unidades discursivas, segmentar a mensagem em partes, atrair a atenção do ouvinte para um ponto específico da mensagem, mostrar qual o tipo gramatical do enunciado proferido, retirar a ambigüidade de sentenças com dois (ou mais) sentidos, distinguir asserções de questões (entre outros atos de fala), preparar o que trará a frase seguinte, expressar a atitude, a emoção e/ou a intenção do locutor, bem como auxiliar na identificação de quem fala e contribuir para o reconhecimento de gêneros discursivos diferentes [...] (ANTUNES, 2007, p. 37).

Patriota e Almeida (2006), ainda em seus estudos sobre discursos religiosos na mídia, discorrem sobre a assimilação de um gênero por outro. Os autores esclarecem que os sermões nada mais são que paráfrases das passagens bíblicas reformuladas pelos locutores (padres ou pastores) na tentativa de explicar de maneira convincente os sentidos daqueles textos. Assim como nós, eles entendem que não há uma única interpretação para a Bíblia. As interpretações estão atreladas, entre outros aspectos, às experiências de vida e às intenções de quem interpreta.

Não cabe aqui investigar a veracidade do que é dito nos discursos, até porque em um discurso como esse, no qual lidamos com crenças, o valor de verdade vai ao encontro daquilo que é crível e aceitável pelo interlocutor. A adesão do público ao que é dito depende, sobretudo, das crenças compartilhadas por determinado grupo e reforçadas (e propagadas), por exemplo, nas pregações por meio da fala. Nesse sentido, é instigante tentar entender como o enunciatador desse tipo de discurso coloca a prosódia a serviço da persuasão, colaborando para convencer o interlocutor do que está sendo dito.

Muitos trabalhos vêm sendo desenvolvidos na tentativa de propor uma análise que contemple tanto a prosódia quanto a análise discursiva em textos orais, porém as análises prosódicas que têm sido realizadas trabalham, em sua maioria, a partir do ponto

³ As funções prosódicas serão discutidas no item 3.1 deste trabalho.

de vista perceptivo. O que propomos aqui é uma análise prosódico/discursiva que levará em conta os parâmetros perceptivos e acústicos dos enunciados a fim de analisar mais objetivamente as estratégias dos enunciadores para persuadir seu público.

Este trabalho se faz relevante para a linha de *Práticas Discursivas e Tradução* do programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto pela necessidade de mostrar a contribuição significativa da prosódia na construção das situações orais de comunicação e pelo fato de a análise dos constituintes prosódicos ser pouco contemplada em trabalhos sobre discursos orais persuasivos. Além disso, acreditamos que a persuasão presente no discurso oral dos líderes religiosos merece destaque perante o crescente aumento de seus fiéis evangélicos no Brasil nos últimos anos e ao amplo suporte midiático que é dado à propagação dessa fé.

OBJETIVOS

a. Geral

Analisar o discurso oral da pregação de dois líderes evangélicos neopentecostais da atualidade, Romildo Ribeiro Soares e Valdemiro Santiago de Oliveira, de modo a refletir como a prosódia funciona, em conjunto a outros elementos linguísticos, como elemento de persuasão.

b. Específicos

São objetivos específicos do trabalho:

- selecionar, dentro de vídeos de sermões midiáticos, trechos neutros e trechos em que os locutores utilizam afetos sociais para corroborar a persuasão inerente a esse tipo de discurso religioso;
- determinar os principais afetos sociais componentes da persuasão no discurso de cada sujeito, analisando a construção discursiva feita para persuadir;

- analisar acusticamente os parâmetros prosódicos que envolvem a expressão da persuasão e da fala neutra dos locutores, valendo-nos dos aspectos: F_0 (frequência fundamental), intensidade e duração;
- analisar, perceptivamente, a qualidade de voz, quando for relevante para a construção dos afetos sociais que auxiliem na persuasão.

PLANO

No primeiro capítulo procuramos relacionar a retórica, a argumentação e a persuasão, tendo por base os estudos de Aristóteles, dos Sofistas e de Perelman e Olbrechts-Tyteca e situar a persuasão no discurso religioso neopentecostal. Buscamos, também, discutir o conceito de discurso e discurso religioso neopentecostal além de mostrar como a persuasão está presente nessa situação de comunicação e como a prosódia está relacionada a ela. Para isso, nos apoiaremos nos trabalhos de Amossy, Charaudeau, Moura, Patriota e Almeida, Rodrigues e Figueiredo.

No segundo capítulo discutiremos o conceito de prosódia e suas funções, tendo como norte os estudos de Couper-Kuhlen, Antunes, Cagliari, Crystal e outros. Discutiremos, também, a relação entre a persuasão e os afetos sociais e a importância dessa relação para a construção prosódica no discurso oral, principalmente no discurso religioso. Além disso, apontaremos os parâmetros prosódicos relevantes para o estudo das expressões de fala que serão tomados para análise neste trabalho: F_0 , duração, intensidade e qualidade de voz.

No terceiro capítulo apresentamos os procedimentos metodológicos acerca da coleta de dados e análise do *corpus*, além de uma breve apresentação dos sujeitos a serem analisados.

No quarto capítulo, trazemos os resultados das análises discursiva e acústica de cada locutor, que permitem refletir sobre algumas estratégias discursivas e prosódicas que corroboram a persuasão no discurso religioso neopentecostal.

Por fim, apresentamos as considerações finais deste trabalho.

1 A ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO RELIGIOSO

1.1 Concepções de discurso e de discurso religioso

O discurso leva em consideração o reflexo de várias situações implicadas pelo uso da linguagem e, por isso, não constitui um ato isolado e individual, mas sim uma forma de agir sobre o mundo que está sujeita a uma estrutura social.

Amossy (2011) defende que, para descrever o discurso em situação, não se pode negligenciar sua dimensão argumentativa. Para a autora, numa perspectiva dialógica,

a argumentação está, pois, *a priori* no discurso, na escala de um *continuum* que vai do confronto explícito de teses à co-construção de uma resposta a uma dada questão e à expressão espontânea de um ponto de vista pessoal[...].(AMOSSY, 2011, p. 131).

A autora defende que as modalidades argumentativas devem ser estudadas levando-se em consideração as relações com demais processos linguageiros. Ao ressaltar a importância de se distinguir intenção de dimensão argumentativa do discurso, ela tece considerações sobre a importância em detectar uma estratégia de persuasão programada de uma tendência discursiva que guia os modos de perceber dos indivíduos. No caso de uma estratégia de persuasão programada temos intenções argumentativas, como é o caso do discurso religioso e do político, por exemplo. Como tendência discursiva, temos dimensões argumentativas, como nas notícias jornalísticas, que pretendem neutralidade (AMOSSY, 2011).

Uma certa comunidade religiosa, por exemplo, forma-se pela compatibilidade das ideias compartilhadas entre os fiéis e o líder religioso. Nesse contexto, o líder, enunciador, programa seu discurso de reforço de fé a fim de persuadir os ouvintes, transformando certos significados do mundo quando parte de uma fonte de argumentação irrefutável compartilhada por aquele grupo, que é a Bíblia. Tudo isso, claro, após reflexão e adequação do discurso ao perfil do seu auditório.

O discurso religioso é, portanto, aquele guiado por uma ideologia, por aspectos econômicos, sociais e culturais de determinado grupo que tem como porta-voz um líder que é interpretador da palavra de Deus. O valor hierárquico das relações de poder nesse discurso privilegia o líder que, apesar de não ser dono da fala, tem legitimidade e autoridade para falar em nome de Deus. A inquestionável marca ideológica nasce da

organização dos indivíduos, não podendo ser compreendida fora de seu contexto (VOLOSINOV, 1926, *apud* PATRIOTA; ALMEIDA, 2006).

Outra característica do discurso religioso é a variedade de gêneros textuais que o compõem. Os cultos neopentecostais, de onde serão selecionados os discursos para análise neste trabalho, inclinam-se para a informalidade e não apresentam um padrão rígido em sua organização. Os pastores têm a liberdade de organizar seus cultos como quiserem demarcando os momentos de oração, de bênçãos, de exorcismo, de ofertas, de coros, de unção com as mãos, de testemunhos, etc. Embora cada uma dessas partes não aconteçam em momentos rígidos dessa situação comunicativa, elas não se confundem, pois as características convencionadas as fazem estáveis diante do evento social. Isso significa dizer que os gêneros textuais no discurso religioso estão vinculados a situações típicas da comunicação social que têm suas temáticas e seu estilo constituídos a partir da historicidade daquela interação verbal. Portanto qualquer mudança nessa interação implica na mudança do gênero textual.

Usar a Bíblia como fonte de razão e argumentação irrefutáveis é comum na maioria dos discursos evangélicos das igrejas neopentecostais, como observam Patriota e Almeida (2006), quando do estudo sobre o gênero sermão midiático das igrejas neopentecostais.

O campo social que envolve o discurso religioso deve ser compreendido como um conjunto organizado, no qual as posições se definem umas em relação às outras. A própria tomada de voz revela as posições dos componentes do discurso (BARROS FILHO, 2005).

É comum no discurso religioso, principalmente no neopentecostal, que o uso legítimo da palavra faça com que o locutor manifeste sua autoridade por meio da voz dando destaque a certos enunciados, seja com objetivos apreciativos ou depreciativos. O uso legítimo de um tom de voz de líder também pode marcar o distanciamento entre o locutor e o interlocutor, e este compreenderá perfeitamente essa manifestação de autoridade. Quando o locutor valoriza o tom de voz, acelera ou desacelera a fala em determinado trecho, e/ou faz uso estratégico das pausas, por exemplo, ele colabora para que a atenção do ouvinte seja atraída para determinado trecho, fazendo com que este fique atento ao que está sendo dito (RODRIGUES; FIGUEIREDO, 2008). Certamente um discurso da oralidade como esse não teria o mesmo efeito não fosse a colaboração dos elementos prosódicos.

1.2 Retórica, argumentação e persuasão

Por estar elencada às artes práticas mais antigas e se valer da linguagem para alcançar seu objetivo, a retórica, que pode ser pensada como arte de convencer e persuadir por meio do discurso, constitui parte essencial da interação verbal (RODRIGUES; FIGUEIREDO, 2008). Devido ao seu caráter pluralista, ela chama atenção para pesquisas diversas, principalmente quando o objeto está nos mecanismos de persuasão.

A flexibilidade de se encaixar em qualquer discurso fez os estudiosos da retórica se preocuparem mais com sua função que com sua própria configuração. Para Górgias e Platão, por exemplo, a retórica era definida como geradora de persuasão; para Aristóteles, a retórica parece ser capaz de descobrir os meios de persuasão relativos a um dado assunto; já para Quintiliano, a retórica é a ciência do bem falar. Não há um consenso com relação à definição do que seja a retórica, porém há um consenso no que diz respeito à sua função: “a retórica visa a criação e elaboração de discursos com finalidade persuasiva.” (ARISTÓTELES, 2005, p. 23).

Na visão de Aristóteles, uma definição apenas não basta para que formulemos o conceito do que seja a retórica propriamente dita. Para ele, retórica é a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com a finalidade de persuadir. Com essa definição, o filósofo mostra que o conceito de retórica vai além da arte que tem por objetivo compreender o gênero persuasivo; ela é também a habilidade de ser persuasivo.

Com relação à argumentação no discurso, Chaïm Perelman e Olbrechts-Tyteca, em *A nova retórica*, propõem analisá-la dentro da situação de comunicação e definem que argumentação são técnicas discursivas que podem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às questões colocadas para aceitação. Os autores dão ênfase ao interlocutor do discurso e ressaltam que a adesão dos espíritos ao pensamento que está sendo exposto pode variar.

O que caracteriza a adesão dos espíritos é sua intensidade ser variável: nada nos obriga a limitar nosso estudo a um grau particular de adesão, caracterizado pela evidência, nada nos permite considerar a *priori* que os graus de adesão a uma tese à sua probabilidade são proporcionais, nem identificar evidência e verdade. É de bom método não confundir, no início, os aspectos de raciocínio relativos à verdade e relativos à adesão. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1997, p.4).

No *Tratado da Argumentação*, Perelman & Olbrechts-Tyteca (1997) destacam a importância das partes envolvidas no discurso: o interlocutor e o locutor. Eles defendem que, além de uma linguagem apropriada que aproxime o locutor de seu interlocutor,

para argumentar é preciso valorizar o consentimento do interlocutor que disponibilizou sua mente e voltou sua atenção para o locutor. Vale ressaltar que convencer alguém requer certas ponderações por parte daquele que argumenta, pois o propósito da argumentação não é impor uma verdade absoluta, inquestionável, mas pensar em argumentos que podem influenciar seu interlocutor. Isso implica que, ao persuadir, o locutor deve se preocupar com o interlocutor e com seu estado de espírito. “Os seres querem ser importantes para outrem e não desejam que lhe mandem, mas lhe ponderem.” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1997, p.18).

Nessa obra, os autores defendem que, para o andamento de qualquer argumentação, é preciso que o locutor prenda a atenção de seu público. Defendem ainda que a interação verbal face a face é mais eficaz que a tentativa de persuadir por meio de textos escritos, já que para alcançar o interlocutor este precisa tomar a iniciativa de ler. Para eles, a permissão da palavra ao locutor na interação face a face vai depender de fatores situacionais que vão dar a credibilidade necessária para que o mesmo tenha a atenção daqueles que deseja persuadir. Para isso, muitas vezes, basta o locutor estar trajado de maneira prestigiada na sociedade, ou apenas sua aparência sugerir uma idade adulta respeitável para convencer, outras vezes bastará simplesmente pertencer ao grupo com o qual se comunica, ou ser a autoridade legitimada a falar em nome de determinado grupo para persuadir. Em outras palavras, determinadas convenções sociais podem facilitar a autorização da tomada palavra em certos casos, porém o rigor com o qual elas serão seguidas pode variar.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1997) apontam o contrato entre orador e auditório como fator necessário para a construção eficaz da argumentação, uma vez que ela visa à adesão daqueles a quem se dirige, sofrendo, portanto, alterações de acordo com o público que procura influenciar. Conhecer previamente aqueles que pretende conquistar é uma condição para uma argumentação eficaz, uma vez que a cultura exerce influência direta no modo de pensar e agir dos interlocutores.

Quando se trata de argumentação, portanto, o mais importante não é saber se aquilo que se diz é verdadeiro ou passível de provas, nem mesmo as opiniões e convicções do enunciador. O que rege o processo argumentativo é o interlocutor, é o parecer dele diante do que está sendo dito, afinal, o auditório condiciona, em certa medida, o processo argumentativo. É a ele que o orador deve se adaptar para que o raciocínio da argumentação seja ordenado de maneira eficaz. As reflexões a respeito das especificidades do auditório, portanto, farão os argumentos do locutor mais pertinentes

e adequados àquele grupo. Ao orador basta que os argumentos sejam admissíveis e pareçam verossímeis ao auditório, que está emocionalmente envolvido e não carece de raciocínios lógicos. É possível apresentar argumentos recorrendo, por exemplo, a analogias, a autoridades, a exemplos isolados, etc. Numa argumentação persuasiva, então, é preciso se valer de argumentos críveis que tenham caráter ideológico e que atinjam a vontade e os sentimentos de determinado público (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1997).

A formação cultural dos ouvintes e, principalmente, a do palestrante influenciam na elaboração e na recepção da mensagem. Dessa maneira, quando se trata de discurso religioso, a cultura e o credo de determinado grupo social vão direcionar os resultados do discurso. A persuasão nesse tipo de discurso é reforçada por manifestações, a princípio, sutis, fazendo o interlocutor crer no que é dito e a aprovar o que se faz em prol daquilo que se crê. O discurso persuasivo age sobre os crentes como uma forma de prazer e salvação, como uma forma de encantamento por meio das palavras que, carregadas de valores e opiniões, moldam comportamentos.

1.3 Discurso religioso neopentecostal nas pregações

No discurso religioso é evidente o distanciamento entre o locutor e os destinatários e a relação de poder implícita entre eles. Nesse caso, a posição do enunciador perante o ouvinte no evento comunicativo é privilegiada, pois ele, o locutor, é dotado de toda autoridade e legitimidade, o que facilita a adesão dos ouvintes. Ele é o porta-voz de Deus e é por intermédio dele que Deus pode operar milagres e mostrar o caminho da salvação.

O discurso religioso neopentecostal é muito conhecido por suas crenças e práticas milagrosas inspiradas na fé cristã. Nos cultos, são comuns as correntes de oração, os rituais de exorcismo e de unção e as orações com imposição das mãos. As igrejas neopentecostais têm como princípios fundamentais: a) a luta contra o Diabo e seu prestígio de anjo rebaixado; b) a pregação enfática da Teologia da Prosperidade; c) a liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade; d) a estruturação empresarial (MARIANO, 1999). Embora outros aspectos ideológicos mereçam atenção

no discurso neopentecostal, daremos destaque à Teologia da Prosperidade, por se ela a espinha dorsal de todo movimento neopentecostal.

A Teologia da Prosperidade é a “doutrina que promete melhora substancial das condições materiais de vida por meio da fé, da oração, de rituais de libertação, do pagamento de dízimos e ofertas” (MARIANO, 1999, p.59). Nessa vertente teológica, formada a partir dos anos 1980 no Brasil, prioriza-se o presente, prega-se o gozo máximo pela felicidade e o que há de bom na vida, seja bem-estar espiritual, seja econômico (este último, aos olhos da religião, provém de Deus). Certamente há também a promessa de vida eterna no paraíso ao lado de Deus, mas antes disso é preciso desfrutar sua vida na terra sem a menor culpa moral dos prazeres da vida (MARIANO, 1999).

Outro ponto que merece destaque no discurso evangélico são os testemunhos pessoais do pastor. Além de aproximar o líder do seu público, as experiências vividas por ele criam um elo entre realidade e o abstrato, o que é uma forte estratégia de argumentação. Por meio deles o pastor pode impor certos modelos e antimodelos de conduta, e muitas vezes o faz. (RODRIGUES; FIGUEIREDO, 2008).

Os pastores das igrejas neopentecostais são, em sua maioria, carismáticos; esse carisma, aliado às mensagens de cura, prosperidade e exorcismo, atrai aqueles indivíduos que compõem determinadas classes sociais⁴. O auditório, muitas vezes, deixa-se persuadir mais pela imagem que faz do orador, por aquilo que pensa ser o seu carácter, do que pelos seus argumentos. O orador persuade, dentre outros aspectos, por seus valores morais, por ser visto como aquele que inspira confiança. Dessa maneira, ainda que não haja provas concretas sobre aquilo que ele diz, é fundamental que a imagem que o auditório tenha do orador seja de um indivíduo virtuoso, prudente e benevolente. Segundo Aristóteles, essas são as três causas que fazem com que se possa persuadir sem necessidade de comprovações.

Charaudeau (2006), ao falar da construção do *ethos* no discurso político, aponta três condições para a credibilidade do *ethos*: de sinceridade (*diga a verdade*), a de performance (*aplique o que foi prometido*) e a de eficácia (*prove que é possível cumprir as promessas*). Acreditamos que, para o discurso religioso, a credibilidade funcione da

⁴ Segundo o Censo 2010, 6,2% das pessoas, com 15 anos ou mais, que se declaram evangélicas pentecostais não possuem instrução alguma. Além disso, mais de 60% dos declarantes ganham até um salário mínimo por mês. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?view=noticia&id=3&idnoticia=2170&busca=1&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espirtas-sem-religiao>> Acesso em 19 de março de 2017.

mesma maneira, porém com as seguintes ressignificações: condição de sinceridade (*a verdade segundo determinada ideologia*), condição de performance (*aplique em sua vida aquilo que recomenda*) e a condição de eficácia (*prove, por meio dos testemunhos, que é possível cumprir as promessas*). Outra característica apontada por Charaudeau (2006) é a formação de um *ethos* de identificação, que significa construir uma imagem com a finalidade de sensibilizar o maior número de indivíduos, ainda que heterogêneos.

Para propagar esse discurso, as igrejas contam com o apoio das mídias de massa (rádio, televisão e *internet*). Alguns alugam horários em canais de TV, outros têm seus próprios programas em horários regulares ou até têm sua própria emissora.

Os cultos neopentecostais funcionam como uma espécie de socorro espiritual baseado em promessas. Neles realizam-se rituais de cunho emocional, físico e material, como libertação de demônios e resolução de problemas financeiros. (MARIANO, 1999).

É curioso observar e analisar como se dá a construção do processo demotivação, mudança de crença, comportamento por meio do discurso religioso neopentecostal veiculado pela mídia. É claro que o caráter dogmático e a eficiência na articulação dos argumentos são indispensáveis à análise, mas tendo em vista que ele chega aos interlocutores por meio da voz é muito importante saber quais as estratégias prosódicas utilizadas pelo líder colaboram para persuadir. O pastor Silas Malafaia, por exemplo, diminui o volume de voz e faz uso estratégico das pausas para solidificar seus argumentos, mas quando se trata de divulgação de dados quantitativos de qualquer natureza, o pastor acentua o volume de voz e faz uso da tessitura aguda (RODRIGUES; FIGUEIREDO, 2008).

1.4 A persuasão no discurso e no discurso religioso

Como destacado anteriormente, a persuasão, que tem por finalidade provocar comportamentos, afetos, ações, adesão e aprovação de argumentos, é relativa à ideia de presença de certos elementos (objetos, pessoas, emoções – reais ou não), mesmo que não haja qualquer base calcada em demonstrações formais ou provas.

Em *Elogio de Helena*, Górgias defende, em caráter judicial, Helena⁵, alegando que esta foi persuadida a concordar com o rapto forçado que sofreu. Para o autor, o rapto de Helena é atribuído à “beleza semelhante à divina” dessa mulher (divina por ser filha de Zeus com uma mortal) que despertava o desejo e reunia as forças dos homens. Nesse sentido, o autor confronta a força do desejo dos humanos com a força do desejo dos deuses e conclui que a última, representada pela beleza de Helena, era a mais forte, sendo os humanos incapazes de lutar contra ela.

No que diz respeito ao discurso e à persuasão, Górgias afirma que persuadir por meio das palavras é como magia, feitiçaria:

(...) os encantamentos inspirados pelas palavras levam ao prazer e libertam da dor. Na verdade, a força do encantamento, misturando-se com a opinião da alma, sedu-la, persuade-a e transforma-a por feitiçaria. Descobriram-se duas artes de feitiçaria e de magia que são, uma os erros da alma e a outra os enganos da opinião. (SOUSA, 2005, p. 130)

Na concepção do autor, os discursos podem decepcionar, visto que, muitas vezes, os homens se valem da opinião para aconselhar a alma. Dessa maneira, as opiniões equivocadas emitidas por alguém em um discurso de poder pode influenciar outros homens a sustentarem opiniões também equivocadas. O autor, então, defende o sujeito que persuadiu Helena a concordar com a situação de rapto é que deve ser culpado, pois, por meio de uma opinião enganosa, induziu a alma dela ao erro. Para Górgias, portanto, o medo, o prazer e os pensamentos podem ser influenciados pelo encantamento das palavras.

Em tópico anterior, falou-se sobre a falta de consenso entre estudiosos sobre a definição do termo retórica, no entanto todos concordam que sua finalidade é persuadir. Trabalhos recentes como os de Peña-Alfaro (2005) e Oliveira (2007) sugerem que as estruturas retóricas são estratégias de tirar ou dar ênfase em significados seguindo determinada ideologia e caracterizam a persuasão como um ato autoritário, cujo significado é submeter. Pensamos que, neste caso específico, a persuasão vem por meio das escrituras bíblicas que os fiéis tomam como memórias do passado, do presente e previsões de futuro. Nesse caso, tem-se a interpretação e os conselhos dos líderes religiosos guiados pela crença, pela opinião e pela intenção de persuadir moldando a crença, a opinião, o comportamento e os afetos dos fiéis.

⁵ Helena é uma personagem muito conhecida por sua beleza e por ter sido a causadora da guerra entre Tróia e Esparta. Segundo a mitologia, Helena é filha de Zeus com a mortal Leda, esposa de Tíndaro, rei de Esparta.

Citelli (1986), que também teve seus estudos baseados nas concepções aristotélicas da retórica e da persuasão, afirma ser possível que o locutor se valha da verossimilhança e não somente da verdade para persuadir, mas isso não significa que esteja enganando seu interlocutor, pois a organização discursiva é o que cria um efeito de sentido e torna o discurso verdadeiro para o interlocutor. Em suma, a persuasão está no mérito de como algo está sendo dito e o grau de eficiência que isso tem perante o público ao qual se dirige.

No discurso religioso tem-se um enunciador inquestionável, uma vez que se trata de uma concepção dogmática que prega uma verdade que não é só dele, mas de todos os envolvidos no contexto comunicativo. Nesse tipo de discurso não é a voz do locutor (Deus) que ouvimos, mas a de um porta voz (o líder). (CITELLI, 1986)

Outra característica argumentativa utilizada no discurso religioso é que a argumentação não se restringe às reflexões bíblicas. Por diversas vezes é notória a presença do gênero deliberativo (que tem por objetivo aconselhar e dissuadir), propondo modelos de vida, de conduta e desqualificando o que julga prejudicial ao público. Também é comum a exaltação a Deus e condenação do Diabo, intensificando a adesão de certos valores, aproximando-se do gênero epidítico (que tem por objetivo elogiar ou censurar), no qual os ouvintes são apenas apreciadores que avaliam, por meio de aplausos, aquilo que consideram belo do ponto de vista estético. Nesse sentido, “é o único gênero que se aproxima da retórica como arte de falar bem e não como atividade social” (AMOSSY, 2011, p. 18). Esse gênero visa à maior adesão daquilo que já é aceito por determinada sociedade, isto é, o reforço dos valores tradicionais. Para defender esses valores, o líder, ou o pregador, deve ser um sujeito de prestígio capaz de impor sua autoridade sem dar margem para julgamentos (MOURA, 2009).

Vale ressaltar que o caráter dogmático desse discurso aliado à cultura religiosa compartilhada pela comunidade envolvida favorece uma argumentação eficaz na qual o objetivo é persuadir.

1.4.1 O efeito patêmico

Para entender como as emoções são incitadas nos interlocutores sem necessidade de recorrer ao campo da Psicologia ou da Sociologia, por exemplo, encontramos em Charaudeau (2010) uma explicação que engloba aspectos referentes a sentimento, paixão, emoção e demais manifestações afetivas: a patemização ou efeito patêmico.

Por esse viés pensamos na emoção dentro do processo discursivo como um efeito visado (ou pretendido), sem garantia sobre o efeito produzido. Trata-se, então, de tentar verificar quais os recursos para incitar determinada emoção (CHARAUDEAU, 2010).

A patemização é uma categoria de efeito discursivo, e, por isso, depende das circunstâncias em que surge, como a finalidade e o local, por exemplo. Nesse sentido, são vários os estímulos, para além dos emocionais, a serem levados em conta, uma vez que o alvo, o interlocutor, é quem vai ditar as regras da produção e organização de estímulos que devem considerar seus saberes de crença e de conhecimento, de seu *status*, das circunstâncias de troca etc. Percebe-se, dessa forma, que não se trata de emoção apenas; fatores cognitivos, sociais, culturais e interacionais também devem ser avaliados. Isso sem falar das considerações a respeito do instrumento fundamental nesse processo: a linguagem. A partir do momento em que as emoções têm algum propósito, elas passam a fazer parte de um processo também racional devido a determinada intenção. Portanto, é um processo tanto emocional quanto racional (LIMA, 2007).

1.5 A prosódia no discurso religioso

Como podemos perceber, a força do discurso religioso é baseada em um conjunto de elementos que, articulados, provocam um efeito marcante. Dentre todos esses elementos, um pode se sobressair, tomando para si mais responsabilidade pela construção da persuasão. A prosódia, algumas vezes, foi analisada como esse elemento que pode se sobressair e contribuir favoravelmente para a persuasão e para a própria construção do discurso religioso. Nesse tópico alguns estudos que se centraram no papel da prosódia serão revistos como forma de (re)pensar esses efeitos discursivos.

Rodrigues e Figueiredo (2008), quando da análise do discurso oral do pastor Silas Malafaia, afirmam que parece haver um padrão na construção da fala do orador para se comunicar com seu público. A escolha das palavras e a maneira como Malafaia as expressa evidencia suas intenções e credos; o controle da intensidade e da velocidade da voz em trechos específicos, e a postura corporal e as estratégias argumentativas, revelam as intenções do locutor, incitando nos ouvintes afetos sociais.

Silva, Córdula e Bollela (2007) pesquisaram sobre o discurso oral espírita do palestrante Divaldo Franco. Nesse trabalho, as autoras buscaram descrever como o orador constrói e organiza a conversação em sua narrativa, utilizando-se dos recursos suprasegmentais, como pausa e tom de voz, como marcadores dos turnos conversacionais para sensibilizar e promover a adesão do auditório. As autoras selecionaram um trecho de vinte e cinco minutos da palestra de Divaldo Franco intitulada “A História da Família Stanford”, disponível em CD, para análise prosódica. Nesse estudo as autoras constataram que, no discurso da oralidade espírita, a lentidão com que o locutor projeta seus enunciados é essencial ao texto. Eles destacam que o tom de voz (ora alto, ora baixo), aliado às pausas (alongadas ou não), marcam a mudança de turno e indicam a intenção de persuadir do locutor (SILVA; CÓRDULA; BOLLELA, 2007). Entretanto, nesse estudo as marcas prosódicas do discurso religioso analisado não são expostas com clareza, o que dificulta a interpretação dos dados e a compreensão do leitor da pesquisa.

A análise prosódica desse trabalho consistiu em mostrar aspectos prosódicos apenas do ponto de vista perceptivo e com pouca profundidade. As autoras falam, por exemplo, que o pastor se vale da emoção para persuadir, mas não classificam qual é essa emoção (súplica, surpresa, compaixão, alegria, tristeza, etc.), sendo que cada emoção carrega diferentes características prosódicas fundamentais para a distinção entre elas. Emoções como a tristeza, raiva e alegria, por exemplo, apresentam características prosódicas diferentes. De modo geral, para expressar tristeza, o locutor tende a produzir um tom de voz mais baixo e uma velocidade mais lenta, já para expressar alegria e raiva o tom de voz é mais alto e a velocidade é acelerada (SCHERER; BÄNZINGER, 2004).

Nos estudos prosódicos, emoções são compreendidas como expressões de fala não controladas cognitivamente (SHOCHI; AUBERGÉ; RILLIARD, 2006). Porém, quando se trata de um discurso persuasivo que é ancorado em determinada ideologia e dotado de intencionalidade, como é o discurso religioso, não podemos dizer que as emoções presentes são de todo involuntárias. Elas foram pensadas e reproduzidas com um propósito. Nossa posição é assumir que, nesse tipo de discurso, em que as expressões de fala são propositais e corroboram uma estratégia para persuadir, as emoções constituem parte do processo voluntário de expressão de fala, não do processo involuntário.

Moura (2009) faz uma análise dos aspectos argumentativos e prosódicos do discurso de padre Léo em uma de suas pregações, intitulada “Buscais as coisas do alto”,

que foi transmitida em rede nacional pela TV Canção Nova e distribuída posteriormente em áudio e vídeo. Para a pesquisa, a autora usou o material de áudio disponível em CD e, a partir dele, selecionou trechos que julgou relevantes para análise. Ela voltou suas análises para os parâmetros de tessitura, volume e pausas, embora tenha notado algumas vezes que a qualidade de voz era um fator relevante para a construção de sentido de alguns enunciados. Após a seleção os dados foram transcritos segundo as normas do projeto NURC/SP (1985) e posteriormente o áudio foi rodado no programa PRAAT® para uma análise mais detalhada. A pesquisadora constatou que a prosódia confere ao locutor recursos para persuadir seu auditório por meio da argumentação e comprovou que os principais elementos prosódicos utilizados para alcançar a persuasão foram o volume (como intensidade sonora), a tessitura (como variação de altura melódica) e a pausa (como variação de duração). Ela observou que esses elementos aliados à retórica colaboram de maneira significativa com o discurso, concedendo a ele o tom de autoridade, razão, contestação, exaltação.

Embora tenha utilizado o programa PRAAT® para maior riqueza de detalhes dos dados, a autora não explorou acusticamente esses resultados. Os dados não foram quantificados, o que fez com que a análise prosódica ficasse restrita à percepção. Como não houve o estudo acústico dos parâmetros, eles não foram relacionados às expressões da fala que mostram os estados afetivos do falante e suas intenções. Além disso, por se tratar de uma pesquisa sobre discurso da oralidade cujo foco é a prosódia, espera-se que as funções linguísticas da prosódia sejam contempladas, no entanto, o mesmo não é feito.

Santos e Bolela (2008) mostram que elementos prosódicos como a velocidade e o volume funcionam na persuasão do discurso religioso do pastor Rina. Nesse estudo, as autoras apontam as três funções em que está envolvida a velocidade de fala: função dialógica, função pragmática e função fonética. A primeira função está relacionada às ênfases dadas pelo falante quando este quer sobressair no discurso perante seu interlocutor; a segunda remete à desaceleração ou à aceleração do enunciado que chama a atenção para o que se diz ou sinaliza que adiante se tem um argumento importante, respectivamente; por fim, a última função relaciona a aceleração ao início do enunciado e a desaceleração ao final.

No Brasil, estudos como o de Silva; Córdula; Bollela (2007), Santos; Bolela (2008) e Moura (2009) vêm apontando pontos relevantes de estudo da persuasão no discurso religioso aliado à análise prosódica, porém tais pesquisas partem do ponto de

vista perceptivo e não exploram com profundidade os aspectos prosódicos relacionando-os às funções linguísticas e às expressões de fala usadas para persuadir. Essa falta de profundidade na análise acústica, que impossibilita conclusões mais objetivas, deixa as pesquisas inclinadas aos ouvidos do pesquisador e do que ele percebeu como relevante e destacou quando das análises perceptivas. Analisar acusticamente os dados seria uma oportunidade para observar se há, ou não, algum desvio de padrão melódico das expressões de fala quando essas são utilizadas para persuadir. Por esses motivos tentaremos desenvolver o estudo da prosódia no discurso religioso a partir de outras perspectivas.

Assim como pontuado por Cagliari (1992), Santos e Bolela (2008) apontam as funções pragmática e fonética do volume, outro aspecto importante na análise de discursos orais. Na função pragmática, falar alto pode significar uma atitude autoritária, ou de grande perturbação, e falar baixo pode significar uma atitude de persuasão, timidez ou respeito (CAGLIARI, 1992).

Estudos que corroboram a prosódia no discurso religioso ainda são recentes e escassos na literatura. O que percebemos é que há uma tentativa em relacionar questões discursivas e prosódicas para esse discurso especificamente, uma vez que o discurso religioso transmitido pela oralidade depende também de fatores prosódicos para alcançar o objetivo desejado. Embora os trabalhos sejam relevantes para a área, ainda não conseguiram mostrar as contribuições dos elementos prosódicos, do ponto de vista acústico, para a persuasão. Com isso, ainda não se tem precisão quanto à colaboração desses elementos para tal situação comunicativa.

2 PROSÓDIA

2.1 Conceito e funções

Para definir prosódia, Couper-Kuhlen (1986) resume historicamente o trajeto das definições desse termo. A palavra prosódia é de origem grega e se referia no grego clássico aos traços da fala não representados ortograficamente, como acento e tom melódico, que, posteriormente, ganharam representações gráficas. Mais tarde, os acentos melódicos deram lugar aos acentos dinâmicos, reduzindo o significado do termo prosódia, que passou a designar apenas diferenças de duração e acento. Devido a essa transformação a prosódia passou a ser chamada de “versificação” por volta do século XV.

Para Crystal (1969) e pesquisadores da prosódia do português brasileiro, como Moraes (1984), Reis (1995) e Antunes (2000; 2007), o termo prosódia está no plano suprasegmental. Para esses estudiosos, a prosódia ultrapassa os limites da melodia das frases elencando também elementos fônicos e fonêmicos nos quais são expressas as variações dos aspectos de intensidade, pausa, duração, altura, ritmo e acento no decorrer da fala, compondo o plano suprasegmental.

Essa definição norteará os rumos desta pesquisa, a qual se valerá dos parâmetros prosódicos clássicos – F_0 (frequência fundamental), duração, intensidade (CRYSTAL, 1969) – e daquele apontado por Campbell e Mokhtari (2003) e por Charfuelan e Schröder (2011) como o quarto parâmetro prosódico na atualidade – a qualidade de voz – o que já foi mostrado como relevante no papel da prosódia na expressão de afetos sociais (principalmente de atitudes do falante).

Para Fónagy (2003), a articulação prosódica é fundamental à interpretação. Por meio dela é possível demarcar e estruturar um discurso; dar ênfase ou segmentar uma palavra ou expressão no enunciado (com o auxílio de pausas ou não); desfazer ambiguidades; sinalizar enumerações; identificar termos deslocados sintaticamente em uma frase; preparar o interlocutor para alguma frase ou informação que vem em seguida; fazer alusões; identificar o tipo de discurso; recuperar ou variar uma estrutura melódica (principalmente no campo musical) e, o que destacamos, expressar as emoções e as atitudes do falante.

Crystal (1985) salienta as funções gramatical e semântica da entonação. Quanto à relevância da primeira, o autor defende que a prosódia é importante para determinar estruturas gramaticais que se relacionam a determinados padrões entoacionais (como as questões que iniciam com pronomes interrogativos e as sentenças afirmativas, que têm entonação descendente), pois uma simples alteração entoacional pode atribuir ao enunciado um padrão estrutural diferente. No que diz respeito à segunda função, Crystal aponta que a construção de sentido está subordinada à relação que existe entre o locutor e o interlocutor. Estabelecida essa relação, é possível verificar as compatibilidades e incompatibilidades entoacionais, e também linguísticas, nas expressões do falante.

A prosódia se mostra, então, como uma ferramenta discursiva relevante para os estudos de textos da oralidade que dependem da eficácia entre a projeção e a interpretação das expressões do falante. Nesse sentido, faz-se necessário nesse momento traçar um pequeno caminho que nos levará a entender a função prosódica que mais importa neste trabalho: a função expressiva.

Muitos autores apontam uma dicotomia entre a função gramatical - referente a aspectos linguísticos - e a função expressiva da prosódia - ligada às expressões do falante. Moraes (1984), no entanto, propõe a divisão dessas funções em três planos (sintático, semântico e pragmático), apontando que, embora haja uma tentativa de distingui-las, essas delimitações são abstratas, pois, por muitas vezes, pode acontecer de uma função agir sobre a outra. Então, a distinção das funções sintáticas não sugere delimitações excludentes, mas sim uma sobreposição de funções que são organizadas para promover a comunicação. (MORAES, 1984, *apud* ANTUNES, 2000).

Para Aubergé (2002), pensar na delimitação entre a função expressiva e a função gramatical da prosódia não é algo pertinente, visto que os contornos melódicos podem sinalizar valores diferentes para determinada função quando se leva em conta a sobreposição que existe entre elas. A autora pondera que as funções da prosódia agem em cooperação umas com as outras fazendo com que diferentes estruturas se organizem de maneira coerente para inferir o devido valor a cada função. Corroborando essa visão, Tench (1990, *apud* Antunes, 2007) apontou a persuasão como uma função comunicativa que pode ocorrer com outras modalidades como pedido, sugestão, convite, conselhos e advertências.

Na proposta de Couper-Kuhlen (1986), as funções prosódicas se dividem em seis, todas voltadas para a comunicação: i) *função informacional*: refere-se à distinção entre informação que ainda não foi dada ao interlocutor e a informação já dada, tendo em

vista seu conhecimento de mundo; ii) *função gramatical*: também chamada de função modal, refere-se às evidências da correlação entre os padrões entoacionais e estruturas gramaticais (ex.: questões de respostas sim/não, questões iniciadas por pronomes interrogativos, questões assertivas e questões exclamativas); iii) *função ilocucionária*: remete às intenções do falante e à forma como diz; iv) *função atitudinal*: está relacionada às informações linguísticas contidas nas expressões de atitude e nas emoções evidenciadas pela fala; v) *função textual/discursiva*: refere-se à relação entre unidades tonais que ultrapassam o enunciado, ou seja, cabe a essa função estabelecer as devidas relações (coesivas) no discurso; e vi) *função indicial*: essa função está ligada às revelações identitárias do locutor perceptíveis por meio da fala (ex.: gênero, idade, características regionais etc.)

Ao definir, à sua ótica, as funções da prosódia, Couper-Kuhlen também ressalta a existência de sobreposição entre elas e que tal ocorrência pode apresentar o mesmo material prosódico para funções diferentes (como se valer dos elementos prosódicos da asserção para fazer uma ironia). A interação entre essas funções mostra a importância do agir em conjunto para a construção do significado de enunciados, contribuindo para demarcações das fronteiras sintáticas e expressivas, mas não de maneira excludente.

Ao analisar a prosódia no discurso é possível determinar os afetos sociais do falante (suas intenções, atitudes, crenças etc.), levando em conta a variação da frequência fundamental; a duração de sílabas de determinadas palavras; a colocação de pausas; a velocidade de fala, o volume da voz, entre outros. A relação desses aspectos com o discurso deixa evidenciar determinadas intenções na fala. Como exemplos, podemos pensar na colocação de pausas (sua função seria respirar? Marcar um deslocamento sintático? Salientar uma mudança semântica? Impressionar o interlocutor?) ou, ainda, na velocidade de fala (o que o falante pretende ao falar de maneira mais ou menos acelerada e por qual motivo ele oscila sua velocidade de fala?), como aponta Cagliari (1992).

A fim de evidenciar de maneira mais específica as funções linguísticas dos suprasegmentos, Cagliari (1992) segue a tradição fonética de separar os elementos fonéticos em grupos: *elementos da melodia da fala* (tom, entoação e tessitura), *elementos da dinâmica da fala* (duração, mora, pausa, tempo acento, ritmo, ársis/téssis) e *elementos da qualidade da voz* (volume, registro e qualidade da voz). Por sua vez, os elementos linguísticos foram agrupados segundo suas funções estruturais ou interpretativas.

Quanto às funções estruturais, o autor aponta que elas são facilmente descritas e reconhecidas pelo fato de obedecerem à sistematização de determinada língua (como o uso das pausas e dos padrões entoacionais). Diferentemente, as funções interpretativas estão a cargo daqueles elementos que destacam determinadas regras sintáticas provocando as interpretações desejadas pelo falante e evitando as indesejadas. Abaixo podemos verificar de maneira mais precisa as relações estabelecidas pelo autor.

Quadro 1: Funções linguísticas dos suprassegmentos prosódicos, adaptado de Cagliari (1992).

	FUNÇÃO ESTRUTURAL						FUNÇÃO INTERPRETATIVA				
	Fonológica (fonêmica)	Fonológica (geradora de processos)	Morfológica (lexicalização)	Sintática (categorias e funções)	Discursiva (coesiva)	Dialogica (turnos conversacionais)	Semântica (conotação subentendidos)	Pragmática (atitudes do falante)	Identificação do falante ou da língua	Re-estruturação da produção da fala	Fonética (fatos físicos)
Tons	X										
Entoação				X			X	X			
Tessitura				X	X	X					
Duração	X	X	X							X	X
Moras		X									
Pausas			X	X				X		X	X
Tempo											X
Acento	X										
Ritmo		X	X				X				
Volume								X			X
Registro		X	X			X					
Qual. de voz		X							X		X
Arsis/Tésis									X		

Cagliari (1992) define os parâmetros prosódicos citados no quadro de tal maneira que justifica suas relações com determinadas funções linguísticas:

- o tom está relacionado à distinção de itens lexicais em línguas tonais;
- os padrões entoacionais são responsáveis por distinguir sintaticamente as frases (ex.: interrogativa, afirmativa) e por reunir os significados sintáticos e semânticos, além de estarem relacionados a atitudes do falante;
- a tessitura tem a função de marcar ou destacar elementos deslocados no enunciado, bem como demarcar turnos conversacionais; no discurso, a tessitura tem papel coesivo, cabe a ela o efeito catafórico e anafórico necessários à construção do sentido;
- a duração, em níveis fonológicos, está ligada ao encurtamento ou alongamento de segmentos e é utilizada, também, para diferenciar significados em itens lexicais. Quando sistematizada ao nível da sílaba independente dos segmentos, é chamada de “moras”;

- pausas são movimentos aerodinâmicos que podem ser utilizados em momentos de respiração ou em momentos estratégicos (segmentação, reflexão, mudança de argumento, etc.);

-o tempo refere-se à aceleração ou desaceleração da velocidade da fala, que sinaliza a importância do que se diz (desaceleração) ou prepara o ouvinte para algo importante adiante (aceleração);

- o acento distingue significados lexicais (por exemplo *emsabia, sabiá, sábia*);

- o ritmo dá função e dimensão ao acento, seja em línguas de ritmo silábico ou em falas silabadas;

- a saliência ou a redução do volume de voz podem sinalizar atitudes do falante, bem como sinalizar uma adequação da intensidade da voz ao contexto e ao interlocutor;

- o registro está ligado ao destaque dado pelo falante ao usar uma qualidade de voz específica para destacar semanticamente ou sintaticamente certo termo;

- a qualidade de voz é uma propriedade fonética individual que auxilia na identificação do falante, mas pode significar um estado afetivo do falante (a fúria, por exemplo);

- *ársis* e *tésis* estão relacionadas à variação de tamanho e força da fala, demonstradas acusticamente pelas ondas sonoras. A sucessão de ondas dessa variaçãocorresponde à crista das ondas (*ársis*) e ao vale entre as ondas (*tésis*).

O autor ressalta que, para as funções semânticas e pragmáticas, a escolha dos elementos suprasegmentais é delimitada pelo contexto linguístico e pelo uso da linguagem, dando ao enunciado o efeito semântico desejado pelo falante. Vale lembrar, porém, que, embora as possibilidades de expressão sejam muitas, as combinações entre os elementos prosódicos e suas funções não é feita de maneira desorientada, pois, como mostra o quadro, determinados elementos prosódicos são relevantes a determinadas funções e não a qualquer uma de maneira aleatória.

As considerações de Cagliari (1992) sobre a relação entre os parâmetros prosódicos e as funções linguísticas ajudam a entender a relação entre os parâmetros prosódicos e a expressividade da fala. Em vista disso, escolhemos analisar a frequência fundamental, a duração, a intensidade e a qualidade de voz. Vale ressaltar que, em cada um desses parâmetros, vários elementos serão analisados. Por exemplo, no que se refere ao parâmetro duração, serão incluídas as análises das pausas, dos prolongamentos e da velocidade de fala.

2.2 Análise acústica da prosódia: parâmetros

Responsável por auxiliar na expressão dos afetos sociais contidos na interação verbal, a prosódia é o principal foco neste projeto. Como dito anteriormente, dentre os aspectos que a compõem, analisaremos F_0 (frequência fundamental), duração, intensidade, que são parâmetros considerados relevantes por estudiosos da área como Couper-Kuhlen (1986), Crystal (1969), Moraes (1984) e Antunes (2000; 2007) e analisaremos, também, a qualidade de voz, apontado por Campbell; Mokhtari (2003) e Charfuelan; Schröder (2011) como o quarto parâmetro relevante no papel da prosódia na expressão de afetos sociais (principalmente de atitudes do falante).

2.2.1 Frequência Fundamental (F_0)

Frequência fundamental é um parâmetro relacionado ao aspecto físico do período da onda sonora, ou seja, refere-se à frequência de repetição dos períodos registrados pela vibração das pregas vocais. Perceptivamente, é o que mais contribui para o ouvinte perceber um tom de voz mais agudo, quando a melodia for alta, ou mais grave, quando for baixa. As medidas de F_0 , na maioria das vezes, são obtidas em Hertz (Hz), porém alguns pesquisadores optam pela utilização dos semitons (que é o menor intervalo utilizado numa escala diatônica⁶). Isso ocorre pelo fato de os semitons serem unidades logarítmicas relativas e, com isso, tornarem possível relativizar as frequências de qualquer intervalo, possibilitando a comparação entre locutores diferentes.

Antunes (2007) aponta que o parâmetro de frequência fundamental (F_0) é o que se correlaciona de forma mais consistente com a expressão de estados afetivos do falante e, segundo Crystal (1986), a sua variação pode indicar mudanças no significado linguístico do enunciado.

⁶ Chama-se de escala diatônica aquela composta por sete notas, sendo cinco intervalos de tons e dois de semitons entre notas que se repete a cada oitava nota em sequência tonal específica. FONTE: www.cifraclub.com.br, acesso em 24/05/2016.

Pike (1945, *apud* Crystal, 1969) aponta que as variações melódicas podem interferir no conteúdo da mensagem linguística. A mesma interferência foi constatada por Crystal (1969), quando da observação das variações na curva de frequência fundamental.

Por meio das medidas acústicas de F_0 é possível uma análise quantitativa e qualitativa da curva melódica da fala, evidenciando contrastes relevantes na expressão dos afetos sociais do falante. Trabalhos como os de Antunes(2007); Silva(2008); Oliveira (2011); Ferreira (2015) e Moura (2016) provaram que as mudanças encontradas na curva de frequência fundamental possibilitam expressar determinadas atitudes em vista de configurações diversas desse parâmetro.

Antunes (2007), por exemplo, salienta a importância da prosódia nas expressões de aspectos que contribuem na construção dos significados de questões no discurso. Nesse trabalho a autora faz uma análise prosódica dos significados construídos em questões do Português Brasileiro, mostrando a complexidade dos aspectos lexicais, sintáticos, semânticos, pragmáticos, prosódicos e discursivos na construção do sentido das questões na interação verbal, ressaltando, é claro, o papel da prosódia. Uma das conclusões desse estudo foi que a curva melódica (F_0) sofria alterações que afetavam a construção de sentido nas sentenças interrogativas relativas a atitudes, como interesse, incredulidade, crítica e provocação.

Dos trabalhos supracitados, Ferreira (2015) e Moura (2016) merecem destaque por contemplarem análises discursivas para além da análise prosódica. Partindo também da premissa de que a análise dos movimentos de frequência fundamental colabora de maneira decisiva quando se trata de definir atitudes do falante, os autores ressaltam a importância desse parâmetro para definir atitudes de crítica e de ironia.

Ferreira (2015) analisou a ironia em um programa de humor da TV aberta e na análise acústica descreveu as principais características desse afeto social em fala espontânea, lida e atuada. A autora constatou que os valores de F_0 foram importantes na distinção entre expressão neutra, lida, atuada e espontânea, embora cada indivíduo se valesse de estratégias diferentes para expressar esse afeto social. Ela apontou, ainda, que os valores de frequência fundamental na ironia são mais altos nas expressões atuadas e espontâneas que nas expressões neutras ou lidas.

Moura (2016), por sua vez, ao estudar a prosódia na construção da crítica e da ironia para atacar e desqualificar o outro em discurso político-eleitoral televisionado, também mostrou características importantes nesse parâmetro, como movimento final e

ênfases que caracterizam a crítica nesse tipo de discurso. No que diz respeito à ironia, o autor, assim como Ferreira (2015), notou que não há um padrão melódico para a expressão dessa atitude. Em seus dados, o autor encontrou locutores que apresentaram valores médios de F_0 bem mais altos que os neutros para expressar ironia, em contrapartida, encontrou um locutor que apresentou médias de F_0 abaixo do neutro para expressar a mesma atitude.

2.2.2 Duração

Esse parâmetro refere-se ao tempo de realização, à duração do enunciado, ou de suas partes, a ser analisada acusticamente.

Os trabalhos de Crystal (1969) e de Antunes (2000) discorrem sobre a importância dos registros acústicos e da análise perceptiva da duração. Não basta apenas perceber que um som é mais longo que o outro, é preciso quantificar os dados, os aumentos e diminuições da duração, para verificar se há modificações significativas na duração do enunciado quando o objetivo é, por exemplo, persuadir.

A velocidade da fala, fator ligado à quantidade de fala (sílabas, palavras) ditas por unidade de tempo (segundos, minutos), bem como as taxas de elocução e articulação, têm contribuído significativamente para os estudos em que analisam expressões de atitudes de fala (ANTUNES, 2007). As variações de velocidade de fala podem sinalizar a relevância do que está sendo dito devido à aceleração ou à desaceleração do enunciado. Um fala desacelerada, por exemplo, pode ser utilizada para enfatizar algo ou sinalizar final de argumentação ou turno discursivo, enquanto uma fala acelerada pode ser utilizada para evitar intromissão do interlocutor, sem contar que, por vezes, pode prejudicar a inteligibilidade do que é dito (MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 2001).

Moura (2009) diz que, semanticamente, a duração de uma sílaba pode ser alongada, aumentando o sentido positivo de uma qualidade ou aumentando o sentido negativo de determinado aspecto, caracterizando, por exemplo, uma ironia. Por marcar a saliência das sílabas tônicas, a duração permite a reestruturação da fala, isto é, o controle da duração das sílabas atrelado às condições de produção pode atribuir ao enunciado um significado diferente.

A autora acrescenta que a aceleração e a desaceleração da fala, aspectos da velocidade de fala, têm papéis significativos à análise pretendida, pois a primeira indica que o falante quer se sobressair ao seu interlocutor dando ênfase ao que diz, e a segunda indica valorização àquilo que se diz ou a um argumento mais importante que vem em seguida.

Dentro dos aspectos da duração, vale salientar a contribuição das pausas para a compreensão do significado dos enunciados. Como apontado por Cagliari (1992), as pausas, por sua função aerodinâmica, permitem que o falante respire em momentos oportunos. Também podem indicar deslocamento sintático de algum termo, segmentar sílabas ou representar uma hesitação do falante, o que revela uma re-organização do processo de produção da fala ou da linguagem, ou uma atitude do falante para impressionar seu interlocutor.

Em outras palavras, as pausas podem aparecer em momentos comuns, para simples respiração, ou podem sugerir estratégias discursivas corroborando a construção do significado do enunciado.

2.2.3 Intensidade

Em termos fisiológicos, intensidade vocal está relacionada à pressão de ar controlada pela área subglótica quando da projeção da voz. Do ponto de vista perceptivo, por meio dela podemos ouvir e perceber diferenciações sonoras relacionadas ao acento e à variação de volume, que é mais recorrente na sílaba tônica (LADEFOGED, 1996 *apud* CORADI, 2003).

Crystal (1969) pontua que as sílabas acentuadas têm maior intensidade que as não acentuadas, o que faz nosso ouvido discernir os sons fortes dos fracos.

Para Cagliari (1992), a intensidade marca foneticamente as saliências e as reduções que o falante imprime à fala. Para o autor esse parâmetro age como uma espécie de reforço aos outros elementos suprasegmentais, contribuindo para o estudo das expressões do falante.

Esse parâmetro não é analisado somente no plano perceptivo, mas pode também ser fisicamente medido, em decibéis (dB). No entanto, para que os resultados sejam confiáveis, é necessário que os movimentos da cabeça do falante, em conjunto com a

distância entre a boca e o microfone, sejam controlados⁷. Apesar de ser um parâmetro relevante, é um desafio analisá-lo quando se trata de fala espontânea, principalmente quando o *corpus* é obtido de material já disponível na mídia, pois não há qualquer tipo de controle físico para coleta de dados, o que pode enviesar os dados a serem analisados.

Do ponto de vista fonético esse parâmetro também marca a saliência em sílaba tônica e sua variação acompanha as marcas fonéticas de saliência ou redução. Dessa forma podemos perceber o deslocamento da sílaba tônica como forma de ênfase a certas palavras expressando atitudes de fala específicas(MOURA, 2009).

2.2.4 Qualidade de voz

A qualidade de voz está relacionada tanto a aspectos físicos quanto a perceptivos e, para uma análise mais eficaz desse parâmetro, é necessário relacionar os parâmetros acústicos à percepção de maneira independente, considerando as especificidades da natureza vocálica. Assim, é possível esclarecer a função desse parâmetro no campo comunicativo, embora, para Crystal (1969), a principal função dele seja identificar características individuais da fala.

Para Cagliari (1992), esse parâmetro é uma propriedade fonética específica a cada indivíduo, portanto é um aspecto relevante na identificação do sujeito que fala. Além disso, o estudo a qualidade de voz pode sinalizar expressões de atitudes quando o falante projeta uma voz tensa com alto volume de ar para demonstrar fúria, por exemplo.

Queiroz (2011) também observou que a qualidade de voz pode auxiliar na expressão de atitudes, por exemplo no uso do vozeamento sussurado⁸ na expressão da súplica, ao contrário da ordem e do pedido que utilizam o vozeamento modal⁹.

⁷ Dos locutores analisados nesta pesquisa, um utiliza o microfone de rosto e outro o microfone móvel, portanto, a análise das medidas de intensidade é viável apenas para o primeiro, que usa microfone com distância fixa até a boca.

⁸ A voz sussurrada, segundo Queiroz (2011), caracteriza-se pela baixa intensidade da onda sonora, quando comparada à qualidade de voz modal. Tal característica deve-se ao fechamento parcial das pregas vocais na voz soprosa que possibilita maior passagem de ar.

⁹Queiroz (2011) utiliza o conceito de voz modal de Laver (1981), no qual o autor afirma que “voz modal é o modo neutro de fonação, sendo que sua descrição pode ser baseada no comportamento das pregas

Campbell e Mokhtari (2003) verificaram que a qualidade de voz está correlacionada ao interlocutor, ao estilo de fala e ao ato de fala e, segundo eles, deve ser considerado como um parâmetro prosódico assim como F_0 , amplitude e duração. Os autores também relacionaram a qualidade de voz à proximidade dos interlocutores e ao tipo de relações que mantêm. Isso pode se mostrar relevante num uso de qualidade de voz que aproxime o pastor dos fiéis.

Neste trabalho a qualidade de voz será avaliada do ponto de vista perceptivo (considerando as configurações glóticas), quando notarmos que o locutor faz uso de uma qualidade de voz diferente da utilizada na maior parte do discurso. Realizaremos, para esse parâmetro, apenas análise perceptivas, pois a qualidade dos áudios não é favorável à precisão acústica para estudo desse parâmetro, que envolve cálculos espectrais mais refinados, o que não seria possível por meio do áudio dos vídeos analisados.

2.3 Prosódia nos afetos sociais

Neste trabalho, tomamos para análise os afetos sociais presentes na persuasão no discurso religioso neopentecostal. Tal escolha deve-se, para além de outros aspectos, ao fato de considerarmos a persuasão um aspecto discursivo rico em expressividade e por serem os afetos sociais um grupo de expressões mais amplo que as atitudes e as emoções.

As atitudes, as emoções e os afetos sociais são expressões da fala que permitem verificar intenções e estados afetivos do falante. Por esse motivo, faz-se necessária uma breve definição e distinção entre esses termos para que seja possível compreender nossa escolha e as delimitações da análise das expressões da fala.

As emoções e as atitudes são expressões da fala em constante discussão, pois não há na literatura um acordo entre os estudiosos da área a respeito da diferenciação desses termos. Na visão de Fónagy (2003), a diferença entre essas duas categorias está relacionada ao controle cognitivo do falante sobre a expressão de fala. A uma expressão de fala consciente, que pode ser controlada pelo falante, dá-se o nome de atitude, e

vocais, cujas características apresentam uma regularidade periódica dos ciclos glotais, eficiência aerodinâmica, ausência de ruído (*e.g. fricção*), com as pregas vocais sob uma tensão longitudinal moderada e uma compressão medial também moderada” (LAVIER, 1981, *apud* QUEIROZ, 2011, p. 59).

emoções são as expressões em que o falante não tem domínio de suas expressões, sendo essas descargas de tensão psíquica. Couper-Kuhlen (1986), por exemplo, procura diferenciá-los pelo monitoramento cognitivo. Segundo a autora, se não há monitoramento cognitivo dos estados afetivos do falante estamos diante de uma expressão emotiva de fala, caso haja monitoramento cognitivo com finalidade comunicativa tal expressão constitui uma atitude.

Na mesma vertente, Aubergé (2002) entende que a emoção age indiretamente na expressividade fazendo com que seus sentimentos sejam expressos na fala de maneira natural, involuntária. Já para as atitudes a autora considera que há uma intenção proposital nas expressões, isto é, um controle cognitivo que sinaliza diretamente as intenções de fala do locutor.

Embora a maioria das discussões gire em torno da distinção entre emoções e atitudes, Aubergé (2002), além de se ater à complexidade dessa discussão, volta o olhar para as características comportamentais envolvidas no sistema de comunicação e interação social. A autora destaca, então, a categoria dos afetos sociais que englobam, além das atitudes expressas na fala, a prosódia audiovisual, as atitudes, os modos, o humor e as intenções do falante. Além disso, a autora ressalta que ainda não há comprovação de que as emoções não dependam do controle voluntário do falante, como as atitudes.

Nas considerações de Mac e colaboradores (2012), os afetos sociais são parte importante na interação face a face, estão ligados à linguagem por meio da cultura e são voluntariamente controlados, contribuindo para ato de fala.

Os afetos sociais marcam intenções e pontos de vista do falante e podem dar indícios sobre a força interativa (educação, autoridade, etc.) e também sobre o contexto social desta interação (timidez, polidez, etc). Muitas atitudes têm suas particularidades em termos de seus valores ou formas de prosódia, sendo algumas específicas a uma determinada cultura ou língua, por isso devem ser aprendidas (MAC et al., 2012).

Como exposto anteriormente, as expressões de atitude agregam valores ao que está sendo dito pelo falante. Em seu estudo, Aubergé (2002) aponta que tais expressões devem ser aprendidas enquanto criança, quando o indivíduo está em fase de desenvolvimento, afinal essas atitudes constituem parte da cultura e da língua do indivíduo.

Shochi, Aubergé e Rilliard (2006) descrevem várias experiências que comprovam a importância da prosódia na percepção de afetos sociais para a construção do sentido de atitudes de fala na língua japonesa por ouvintes franceses. Nesse estudo, os autores observaram que os parâmetros de F_0 , intensidade e duração, para as sentenças

declarativas e interrogativas, sofriam alterações, provocando interpretações diferentes no contorno dos enunciados levando a interpretações equivocadas - como a polidez japonesa, que foi interpretada como falta de educação por ouvintes de francês, mesmo que tivessem bom nível de conhecimento de japonês.

A noção de afetos sociais que norteará esta pesquisa é a proposta por Shochi, Aubergé e Rilliard (2006) e por Mac e colegas (2012): afetos sociais são expressões de fala processadas em diferentes níveis cognitivos, voluntário e involuntário, e constituem parte do processo de interação da linguagem. A essa definição cabe a ressalva de que, como tratamos de um discurso persuasivo, as expressões são manifestadas com o propósito de influenciar a opinião do interlocutor. Por esse motivo é que as emoções nesse tipo de situação comunicativa não são puramente parte do processo involuntário de expressão de fala. As emoções, no discurso religioso neopentecostal, então, se enquadram naquilo que os autores defendem sobre expressão de certos afetos, como a surpresa, por exemplo, que é, em princípio uma expressão involuntária de emoção, mas que pode ser aprendida. Ela assume, portanto, a condição de emoção quando fizer parte de um processo puramente involuntário; quando fizer parte de um processo voluntário, porém, é classificada como atitude, sendo que para esta última precisa ser aprendida, pois é produzida de acordo com intencionalidade, aproximando-se de uma representação.

Em outras palavras, se as emoções estiverem paralelamente relacionadas à voz e às estruturas discursivas, isso sugere certo controle cognitivo sobre a expressão. Nesse caso, ela pode ser tratada como atitude, pois é o monitoramento cognitivo da expressão da fala, a atuação ou representação de uma expressão que vão fazer com que as atitudes se diferenciem das emoções.

Outro ponto importante destacado por Shochi, Aubergé e Rilliard (2006) é a “não atitude”, tida pelos autores como uma expressão em que o locutor tem o intuito de não expressar qualquer atitude ou informação sobre suas intenções ou afetos. Além disso, os autores ressaltam a importância em estudar os afetos na interação de fala e como eles se comportam para modelar a fala expressiva na linguagem de determinada cultura.

Para este objeto de estudo, o discurso religioso neopentecostal, dois são os motivos que nos levam a tratar as emoções como um componente voluntário do sistema de cognição: i) o fato de o apelo à expressividade ser um recurso estratégico para persuadir – demonstrado nos momentos de compaixão, vergonha, indignação etc; ii) as emoções que emanam do discurso religioso são resultado de um processo cultural no qual os fiéis aprenderam a, ou foram induzidos a pensar de determinada forma e a seguir

determinada ideologia, julgamento de situações e comportamentos. São emoções com fundo de racionalidade, aprendidas naquele círculo de convivência e determinadas por aquela cultura.

Diante desses apontamentos trataremos aqui a persuasão no discurso oral como uma estratégia discursiva que se vale de recursos linguísticos para influenciar alguém a aceitar uma ideia, uma atitude, ou a agir de determinada forma. A persuasão nesse discurso se constrói por meio de argumentos, verdadeiros ou verossímeis, corroborados pelas expressões de fala e mudanças prosódicas induzindo os indivíduos a aderirem determinada linha de conduta e crença. Entretanto, vale esclarecer que não analisaremos todos os aspectos de expressividade dos quais se valem os locutores para persuadir, mas nos limitaremos em analisar a prosódia dos afetos sociais por serem expressões de fala voluntárias e por acreditarmos que suas manifestações no discurso religioso neopentecostal corroborem a persuasão.

2.4 A persuasão e os afetos sociais no estudo prosódico

São poucos os trabalhos que contemplam a persuasão no discurso oral sob o ponto de vista da prosódia, como o de Coradi (2003) e Queiroz (2011).

Coradi (2003) analisou minuciosamente os aspectos prosódicos na saudação inicial de atendentes de *telemarketing* ativos de uma editora de Belo Horizonte utilizando o programa WinPitch de análise acústica. O estudo contemplou a análise da variação da frequência fundamental, a duração dos enunciados, a duração e a intensidade das sílabas proeminentes e comparou o tempo médio de abertura das chamadas entre os operadores. Por meio dos resultados, a autora percebeu, dentre outros aspectos: significativa variação melódica e alongamento na saudação inicial; deslocamento da sílaba proeminente; alongamento de todo o enunciado e não da sílaba proeminente. Os aspectos notados por ela que nos chamaram a atenção foram aqueles relativos à produtividade dos atendentes. Aqueles com boa qualidade vocal, gentis, corteses e naturais, que utilizavam recursos prosódicos comuns entre si (perfil melódico, duração de segmentos proeminentes nos enunciados, por exemplo) apresentavam boa produtividade para a empresa. Isso demonstra que esses atendentes conseguiam cativar os clientes também pela forma como os aspectos

prosódicos eram estrategicamente articulados aos enunciados, indicando que a prosódia é, sim, um fator significativo quando o objetivo é conquistar, por meio da fala, o interlocutor. Queiroz (2011) analisa a contribuição da prosódia na expressão de atitudes do locutor em três atos de fala diretivos (o pedido, a súplica e a ordem) e dá atenção especial à qualidade de voz. O autor baseou sua análise prosódica nos parâmetros de F_0 , duração e qualidade de voz. Como a coleta de dados para essa pesquisa foi feita em uma cabine acústica, o autor realizou análise espectrográfica da qualidade de voz observando os harmônicos e correlacionando tais medidas à voz modal, voz soprosa e voz crepitante. Para a interpretação dos enunciados do ponto de vista pragmático, o pesquisador considerou a Teoria dos Atos de Fala, defendida por Austin, principalmente. Queiroz relacionou os padrões prosódicos à noção de força ilocucionária e os resultados da análise dos enunciados produzidos por 10 atores do sexo masculino, de idade entre 20 e 30 anos, nascidos e residentes em Belo Horizonte, possibilitaram observar, por meio de uma análise qualitativa, que os padrões melódicos para cada ato diretivo não é estanque. Os pedidos, as ordens e as súplicas apresentam subclasses que são realizadas de maneiras diferentes no que se refere ao padrão melódico, à duração, às variações de F_0 e à tessitura. Ao analisar as medidas espectrográficas da qualidade de voz, Queiroz constatou que a prosódia e a qualidade de voz são, de fato, elementos fundamentais para definir a eficácia do ato ilocucionário. O autor notou também que essas estratégias prosódicas e paralingüísticas são componentes essenciais das estratégias comunicativas do locutor, permitindo análise tanto do ponto de vista prosódico quanto do ilocucionário, contemplando aspectos semânticos, sintáticos e pragmáticos, o que permite relacionar a prosódia às atitudes do locutor. Nesse trabalho o autor mostra também a importância da qualidade de voz na definição do modo de realização efetivo do ato ilocucionário, uma vez que fonações diferentes contribuem para expressar determinadas atitudes e reforçam outras, como a submissão e a humilhação, ou podem também sobrepor atitudes de insistência e submissão, quando considerado todo o contexto de comunicação e a relação de proximidade entre os interlocutores, por exemplo. Se atitudes de fala como essas forem realizadas por líderes religiosos em uma pregação, acreditamos que elas podem funcionar como uma estratégia para persuadir.

Esses trabalhos nos auxiliaram na busca por pistas que justifiquem a presença dos afetos sociais como componentes da persuasão. Encontradas essas pistas nos estudos sobre prosódia da fala, buscamos, nos estudos sobre retórica, alguma discussão, ainda que tímida, sobre a presença de elementos prosódicos associados ao discurso para fins persuasivos,

especificamente. Foi, então que encontramos George Pullman (2013) que, em seu livro intitulado *Persuasion: history, theory, practice*, trata a persuasão como um esforço a longo prazo que representa uma maneira de ser e estar no mundo, não sendo algo que se faz ocasionalmente. Para viver a persuasão é preciso fazer perguntas, buscar evidências, manter-se cético, porém de mente aberta. Pullman defende que o mais importante na habilidade de um comunicador persuasivo é o autoentendimento (entender o que você acredita e como chegou a acreditar); dessa maneira, o comunicador se torna mais familiarizado com o que acontece na sua mente e como ela funciona, o que ajudará a compreender como mudar sua mente bem como a de outras pessoas.

Porém, é um equívoco supor que para persuadir basta treinar a mente. Segundo esse autor, o processo não é tão simples que possa vir a ser executado sempre com tanta naturalidade: muitas vezes o ato de persuadir exigirá uma reflexão antes da ação.

Realise, however, that becoming a persuasive person is not like learning to ride a bicycle in the sense that you can't, through repetition and trial and error, simply learn a technique and from then on perform it at unconscious level. Some of these persuasive practices will become second nature or automatic, like riding a bike, but others will always require conscious thought and reflection in action. (PULLMAN, 2013, p. 49)

O autor ressalta a importância da racionalidade no processo de persuasão mesmo quando ser persuasivo seja algo quase natural de quem enuncia. Ele alerta que, para persuadir, também é necessário que o sujeito comunicador reflita sobre ser capaz de persuadir naquele momento e só depois decidir se deve ou não se pronunciar.

A expressividade é organizada estrategicamente nesse tipo de situação comunicativa não podendo ser dissociada da razão, pois o processo de persuasão só é eficaz quando o sentimento (ou estado afetivo) evidencia as convicções dos argumentos.

If you can't feel, you can't think effectively because you can't decide. You can ruminate endlessly and list arguments and observe evidence, but you can't evaluate any of it with sufficient conviction to make a decision if you try to reason without feeling. All the logic and evidence in the world won't to change a person's mind if he or she isn't motivated to change. And motivated comes from emotion (...). (PULLMAN, 2013 p. 86)

Nesse sentido, para entender como a persuasão funciona no discurso religioso, precisamos compreender como a emoção e a razão se comportam na oralização dessa situação comunicativa, fazendo com que o locutor atinja seu objetivo de fazer o interlocutor perceber, crer e tomar decisões. Essa condição indissociável entre razão e

emoção é definida por Aristóteles: “emotions are those things through which, by undergoing change, people come to differ in their judgements” (ON RHETORIC, 1378, *apud* PULLMAN, 2013, p. 86). Por essa ótica, as emoções (expressividade) são construções retóricas quando se valem da exibição das sensações internas para beneficiar um grupo afirmando identidades e filiações.

Diante disso, analisaremos, então, os afetos sociais da persuasão devido à condição racional dessas expressões de fala (chamadas de emoções na retórica). Nesse caso, os afetos sociais na persuasão podem transmitir tanto informações linguísticas quanto variabilidade do locutor (estados atitudinais, intencionais e emocionais, sendo esse último relacionado às emoções que podem ser aprendidas e são voluntariamente reproduzidas).

Estudos sobre expressões de atitudes na oralidade e a arte de persuadir através da linguagem vêm chamando a atenção de pesquisadores tanto do discurso quanto da prosódia da fala, pelo fato de o discurso combinar razão, emoção, elementos linguísticos de caráter sintático, semântico e lexical, recursos gestuais e entoacionais.

A respeito de estudos prosódicos voltados especificamente para a persuasão destacamos o de Kim; Mathon; Boulakia (2010) sobre o papel da prosódia no desenvolvimento da retórica durante o discurso jurídico. Nesse trabalho, os autores se basearam em exemplos reais de acusação e de defesa tirados de um documentário sobre tribunais franceses para mostrar como a prosódia está ligada à estratégia argumentativa do orador a fim de persuadir o público, tanto no nível global do discurso quanto no nível interno dos enunciados. Os autores analisaram os padrões melódicos de F_0 , o ritmo e as pausas dos enunciados de dois promotores do sexo feminino e dois advogados do sexo masculino. A análise dos dados é conduzida em dois níveis, prosódico e discursivo, sendo que para o primeiro foi utilizado o programa *WinPitch Pro*, por meio do qual foram extraídas automaticamente as medidas de F_0 que, posteriormente, eram dispostas em um diagrama para serem alinhadas à análise textual. As declarações analisadas foram escolhidas segundo o critério de representatividade e interesse dos pesquisadores. Feito isso, os resultados prosódicos foram comparados com o texto a fim de mostrar como a combinação de texto e prosódia dá sentido para esses discursos legais. O discurso nas salas de audiência pode ser baseado inteiramente no interlocutor e a prosódia pode ser utilizada como um recurso estratégico de persuasão. Para os pesquisadores, a prosódia é uma ferramenta de coesão e de estruturação nesse tipo de

discurso que é baseado na razão dos argumentos e também transmite emoção para permanecer no domínio da empatia.

Em conclusão, tais autores notaram que o papel da prosódia não pode ser reduzido a um papel fonossintático usado para organizar a coesão da fala ou chamar a atenção para certo argumento. Ela pode também ser utilizada para desconstruir uma fala no discurso, auxiliar na coesão do enunciado, contribuindo para a construção do verdadeiro sentido da situação comunicativa. Desse modo, a prosódia se destaca no discurso jurídico de tribunal como o principal elemento por expressar as estratégias de convencimento.

Portanto, estudar a prosódia como um componente importante da persuasão no discurso religioso é importante porque por meio dela é possível verificar as intenções e os estados afetivos do locutor. As mudanças melódicas, as ênfases e as pausas estratégicas, a mudança na qualidade da voz, a aceleração ou desaceleração do enunciado fazem parte do processo argumentativo e vale saber como eles procedem no discurso religioso neopentecostal, já que o discurso da oralidade é a principal forma de chegar aos fiéis e persuadi-los.

3 METODOLOGIA

Para estudar o papel da prosódia na construção da persuasão no discurso religioso neopentecostal, escolhemos dois pastores brasileiros de forte influência na mídia. São eles: o pastor fundador da Igreja Internacional da Graça de Deus, Romildo Ribeiro Soares, conhecido como missionário R. R. Soares, e o pastor fundador da Igreja Mundial do Poder de Deus, Valdemiro Santiago de Oliveira, conhecido como apóstolo Valdemiro Santiago.

Escolhemos esses dois sujeitos pela influência que ambos exercem na mídia, como dito anteriormente. Mas o principal motivo que nos levou a selecionar esses dois pastores foi o fato de serem líderes fundadores de igrejas e terem o aparato midiático como forte recurso para divulgar seus discursos.

Neste capítulo, apresentaremos alguns dados sobre os sujeitos que podem ser relevantes na análise, bem como os métodos de escolha de sentenças mais atitudinais e menos atitudinais constituintes *docorpus* (pregações selecionadas) e os critérios de análise dos parâmetros prosódicos de F_0 , duração, intensidade e qualidade de voz.

3.1 Os sujeitos

3.1.1 Romildo Ribeiro Soares

Romildo Ribeiro Soares, conhecido como Missionário R.R. Soares, tornou-se pastor em 1969. No mesmo ano, conheceu Edir Macedo e juntos eles fundaram, em 1977, a Igreja Universal do Reino de Deus. Em 1980, devido a divergências sobre questões administrativas e teológicas, além da desavença por liderança com o então cunhado Edir Macedo, R.R. Soares determinou sua saída da Universal e fundou, no mesmo ano, a Igreja Internacional da Graça de Deus, doravante IIGD.

A IIGD está entre as três pioneiras do neopentecostalismo no Brasil. A Igreja tem seus ensinamentos embasados na Teologia da Prosperidade e em algumas doutrinas teológicas relacionadas ao movimento neopentecostal.

Muito presente nos meios de comunicação, a Igreja Internacional da Graça de Deus é conhecida por transmitir, desde 1997, seus programas em horário nobre. O Show da Fé, comandado por R. R. Soares, no ar desde 2003, é atualmente exibido das 20:28h às 21:20h pela emissora Bande das 21:30h às 22:30h pela emissora RedeTV!.

Além do aluguel dos canais de TV aberta, a Igreja Internacional da Graça de Deus possui a RIT (Rede Internacional de Televisão), fundada em 1999, com conteúdo voltado para o público evangélico. Em 2007, foi lançada a Nossa TV, uma operadora de TV por assinatura com canais de conteúdo evangélico e variado. Desde 2002, a Igreja Internacional da Graça de Deus atua pela radiodifusão em sua emissora própria, a Nossa Rádio, que possui 18 retransmissoras em AM e FM espalhadas pelo Brasil.

3.1.2 Valdemiro Santiago de Oliveira

Valdemiro Santiago de Oliveira, conhecido também como apóstolo Valdemiro Santiago, é fundador e líder da Igreja Mundial do Poder de Deus, doravante IMPD, uma das maiores denominações neopentecostais do Brasil.

Valdemiro não possui formação religiosa, apenas foi treinado na escola de pastores da Igreja Universal do Reino de Deus, por meio da qual chegou a bispo e atuou por 18 anos. Em 1997, se desligou da Universal por divergências com o bispo Edir Macedo. Em março de 1998 foi fundada a Igreja Mundial do Poder de Deus, que hoje conta com cerca de 4.500 templos divididos entre Brasil e demais países do mundo.

A IMPD, assim como a IIGD, também é conhecida pelo apelo midiático. Valdemiro Santiago é dono de diversas rádios e o maior comprador de horários em emissoras de TV no Brasil. Essa igreja está no ar 24 horas por dia na Rádio Mundial e na TV nos canais Ideal TV (32 - TV aberta - SP; Canal aberto HD - 32.1; NET -14; SKY - 321).

3.2 O corpus

O *corpus* foi obtido a partir de vídeos gravados (disponíveis no site de compartilhamento Youtube) durante os cultos que são transmitidos, na maioria das vezes, ao vivo, nos programas de televisão (seja na TV aberta, a cabo), ou *online*, e publicados nos sites oficiais de cada igreja. Assim, tem-se o contato com o discurso em situação real e com sua veiculação nas mídias de massa, o que, como já mencionado, tem contribuído para o crescente número de evangélicos no Brasil.

Trataremos o *corpus* como fala espontânea no que tange aos afetos sociais, porém, ao no referirmos ao discurso com um todo, tratamos a fala dos locutores como semiespontânea pelo fato de haver certo monitoramento dos locutores sobre o que se diz, mas há também o envolvimento espontâneo deles no decorrer do discurso. Nesse envolvimento, podemos perceber a manifestação dos afetos sociais nem sempre planejados, o que afasta esse discurso da fala atuada e o aproxima da fala espontânea¹⁰.

Para cada locutor foram selecionados do site Youtube <www.youtube.com.br> cinco vídeos¹¹ de pregação de aproximadamente 50 minutos de duração. Adotamos como critério para a escolha dos vídeos o número aproximado de 20 mil de visualizações para Valdemiro Santiago e 10 mil visualizações para R. R. Soares, pois, na observação da popularidade, constatamos este número como significativo para a categoria. Para ambos, foi observada a proporção de aprovações e desaprovações (*likes* e *dislikes*) e foram selecionados aqueles vídeos em que o número de aprovações era, no mínimo, duas vezes superior o número de desaprovações. A importância de selecionar os vídeos mais populares e, ao mesmo tempo, mais bem aceitos, é que isso pode indicar que o público-alvo está interessado no que está sendo dito. Em outras palavras, isso

¹⁰ Segundo Barbosa (2012), pode-se analisar a espontaneidade como o nível de influência do pesquisador sobre os dados produzidos. Nesse caso, como não há nenhum controle, por parte do pesquisador, sobre os dados, no que tange aos afetos sociais, consideramos o discurso espontâneo desse ponto de vista, o que não garante não haver influência ou manipulação no que é produzido em outros aspectos.

¹¹ <<https://www.youtube.com/watch?v=y6ZSxy7aQOM&t=363s>> Acesso em setembro de 2015

<<https://www.youtube.com/watch?v=FHFQ2wZ-SVI>> Acesso em agosto 2016

<<https://www.youtube.com/watch?v=kP1E8ZYeP3g>> Acesso em agosto 2016

<<https://www.youtube.com/watch?v=YoCkIkEueIM&t=147s>> Acesso em agosto 2016

<<https://www.youtube.com/watch?v=dE2xw4XOLok>> Acesso em agosto 2016

<<https://www.youtube.com/watch?v=q36NHCs-oOI>> Acesso em setembro de 2015

<<https://www.youtube.com/watch?v=EBb4ABuZqg8&t=911s>> Acesso em agosto 2016

<<https://www.youtube.com/watch?v=xbl-Sx6CeIU&t=252s>> Acesso em agosto 2016

<https://www.youtube.com/watch?v=pY_XJG1xJHs&t=619s> Acesso em agosto 2016

<<https://www.youtube.com/watch?v=Yu2e5es2cSg&t=147s>> Acesso em agosto 2016

mostra que os espectadores aderiram àquele discurso, compartilharam e aprovaram os valores e os julgamentos que ali circulam.

Desses vídeos foram selecionados 180 enunciados (120 persuasivos - mais atitudinais - e 60 enunciados neutros - menos atitudinais) para a análise acústica, buscando equilibrar o número de enunciados entre os dois locutores.

3.3 Seleção de trechos persuasivos segundo análise perceptiva

Partindo do pressuposto de que as pregações religiosas são persuasivas, por estarem ligadas a uma determinada ideologia e objetivarem a aceitação por parte de seu público, selecionamos enunciados em que os afetos sociais estão presentes de forma mais explícita, fazendo-se perceber na fala de maneira mais atitudinal, e também selecionamos enunciados em que não se note a presença de afetos sociais para a construção da argumentação (enunciados menos atitudinais ou neutros).

Para a seleção dos enunciados mais atitudinais observaremos no *corpus* a ocorrência de afetos sociais (como autoridade, pedido, súplica, crítica, admiração etc) que podem corroborar a persuasão tendo em vista a forma como a entonação é projetada para determinado enunciado. Para a seleção dos enunciados neutros tomaremos a concepção de Halliday (1970), lembrada por Antunes (2007), que determina entonação neutra (menos atitudinal) como aquela usada sem qualquer razão especial para se usar outra (ou seja, sem uma intencionalidade desejada ou evidente). Cabe aqui comentar que, embora julguemos todo o discurso analisado como persuasivo, há trechos em que a expressão de afetos sociais diversos e em que os usos prosódicos específicos se mostram mais evidentes para efeito da persuasão. Da mesma forma, há trechos em que as intenções do falante não são evidentes ou não há o intuito explícito de persuadir ou destacar o que está sendo dito – ao divulgar a agenda do pastor, por exemplo. Nesses contextos em que encontramos enunciados menos atitudinais, os locutores não projetam a voz com intenção clara de persuadir seus interlocutores. O tom de voz utilizado nessas situações de comunicação é evidentemente distante do tom utilizado para sinalizar intenções e demonstrar afetos sociais. Optamos, então, por chamar de menos

atitudinais¹² os enunciados em que a construção prosódica da frase se distancia daquelas em que os afetos sociais são mais evidentes e que, conseqüentemente, a melodia não sofre oscilações significativas, como nos enunciados mais atitudinais, aproximando determinada tonalidade do tom normal do falante. Da mesma forma, a velocidade, as pausas, as ênfases e a intensidade para as expressões menos atitudinais não agregam valor semântico ao que está sendo dito nesses momentos menos atitudinais.

Essa primeira análise para seleção dos enunciados foi feita com base na reprodução de vídeos disponíveis no canal oficial de cada igreja, no site <www.youtube.com>. Além de procurarmos vídeos que atendessem nossos critérios de popularidade e aceitabilidade, observamos, via percepção, se neles os locutores não apresentavam nenhum tipo de disfonia vocal, como rouquidão, ou quaisquer tipos de ruídos que pudessem, porventura, imprecisar nossas análises. A análise perceptiva, tanto do ponto de vista discursivo quanto do prosódico, configurou a primeira etapa de análise do nosso trabalho. Nessa fase, observamos como os locutores montam seus discursos para construção da persuasão, quais são os recursos prosódicos evidentes na fala para esse fim e quais os afetos sociais mais presentes.

A partir dessa observação notamos, também, que os líderes religiosos aqui estudados constroem imagens distintas diante de seu público, o que implica diferenças nas construções discursivas e na ocorrência de afetos sociais distintos.

Após a seleção dos vídeos, esses foram baixados em áudio, por meio do programa *aTubeCacher*, e convertidos em WAV, pelo programa *FreemakeAudio Converter*, para que fosse possível a análise no *software* PRAAT[®]. Nessa etapa, com os arquivos em áudio apenas, realizamos uma nova audição para a seleção dos enunciados e anotações relevantes nas grades de texto (recurso do software Praat que possibilita fazer anotações junto ao arquivo de áudio).

Durante as audições procuramos selecionar os afetos sociais mais recorrentes e que mais acentuavam a construção da persuasão no discurso de cada locutor. Dos cinco vídeos que selecionamos para o pastor Valdemiro Santiago pudemos perceber que há em seus discursos uma recorrência significativa dos afetos sociais de crítica e falsa modéstia, estando em todos os áudios selecionados. Nos cinco vídeos do pastor R.

¹²Por se tratar de um discurso de todo persuasivo, consideramos coerente chamar os enunciados menos atitudinais, embora, do ponto de vista prosódico, os enunciados menos atitudinais se enquadrem na categoria dos neutros.

R. Soares, no entanto, percebemos que os afetos sociais mais recorrentes foram outros: os de autoridade e de conselho ¹³.

A partir desse *corpus*, foram selecionados, no total, 120 frases em áudio, de sentido completo, não subordinadas ou continuativas, sem a presença de pausas finais (foram permitidas pausas internas, caso ocorressem, desde que integrassem a sentença completa alvo da análise), com duração entre um e cinco segundos, nas quais estão presentes os afetos sociais que mais corroboram a persuasão nesse discurso, e também 60 trechos menos atitudinais, dos dois locutores, totalizando 90 enunciados proferidos por R. R. Soares e 90 por Valdemiro Santiago. A escolha de enunciados curtos vai ao encontro do que há descrito na literatura sobre a manifestação mais aparente de aspectos prosódicos quando são analisados enunciados de curta duração (REIS, 1995).

Como critério de seleção dos enunciados, consideramos a análise discursiva e perceptiva do discurso dos locutores, portanto os enunciados foram selecionados em contextos específicos do discurso. Desse modo, cabe, além de classificar os afetos sociais analisados, apontar o contexto em que ocorrem.

Quadro 2: Afetos sociais: definição e contextualização

Afeto Social	Definição ¹⁴	Contexto em que ocorre ¹⁵
Autoridade	Trata-se de enunciados em que o locutor se porta como aquele que tem direito ou poder de ordenar, decidir, atuar e se fazer obedecer. (FERREIRA, 2008)	Após a leitura e interpretação de trechos bíblicos, o locutor condena os desvios de condutas e o distanciamento dos fiéis da igreja atribuindo esse fato às “forças do mal” e ao demônio. Então, usa a sua posição de pastor para expulsar, estabelecendo posição hierárquica superior, toda força maligna da vida dos fiéis, em nome de uma força maior que é Jesus.
Conselho	Opinião, aviso ou sabedoria emitidos com segurança pelo locutor (HOUAISS, 2012), com o objetivo de incitar determinado comportamento ou ação.	Com o objetivo de reforçar os modelos de conduta impostos pela igreja, o locutor, em tom afetivo, interpreta e compara atitudes de personagens bíblicos distinguindo-as entre positivas e negativas, usando-as como exemplos para incentivar mudanças

¹³ Os afetos sociais destacados no discurso de cada pastor estão diretamente ligados às imagens que fazem de si. Discutiremos melhor sobre essa relação no Capítulo 4.

¹⁴ As definições foram pensadas a partir de trabalhos prosódicos que contemplam esses afetos sociais, como o de Antunes (2007), e a partir da definição dos dicionários Aurélio e Houaiss.

¹⁵ O contexto em que ocorrem tais afetos sociais é uma análise de como o discurso se constrói para que esse afeto esteja presente, ou seja, faz parte da determinação do *ethos* do locutor e de estratégias que ele usa para persuadir.

		comportamentais. Muitas vezes o locutor usa a primeira pessoa do plural para aconselhar, de modo a aproximar-se dos fiéis, como em “ <i>Nós precisamos buscar a palavra de Deus</i> ”.
Crítica	Opinião do locutor que faz juízo de valor desfavorável sobre determinado assunto, comportamento ou sobre seu interlocutor (ANTUNES, 2007).	O locutor condena toda e qualquer prática que esteja em desacordo com as crenças e condutas de sua igreja. Conta sobre seu contato com pessoas de outras religiões alegando e apontando as falhas de maneira depreciativa. A crítica também ocorre nos momentos em que o locutor conta sobre as perseguições, ameaças e denúncias que sofreu por aqueles que, segundo ele, duvidam dos milagres que ele opera em sua igreja.
Falsa Modéstia	Que, por fingimento, não possui nem demonstra vaidade em relação a si mesmo, às suas próprias conquistas etc. (FERREIRA, 2008; HOUAISS, 2012)	O locutor se aproxima do seu público atribuindo a si próprio características de homem simples, humilde e humano, em contrapartida reforça ter sido escolhido por Deus para operar milagres assim como os apóstolos faziam no tempo de Jesus Cristo, como consta na bíblia. O que está sendo reforçado, na verdade, é que ele não é um homem qualquer, como demonstra ser, mas sim um privilegiado. Seus feitos sobrenaturais inexplicáveis pela ciência, como afirma o pastor, só reforçam o distanciamento que existe entre ele e seu público, uma vez que ele assume uma posição que o coloca em um plano superior ao dos humanos, aproximando-se do que é divino e se distanciando do que é humano.
Neutro	Trata-se do trecho em que nenhuma atitude está presente, isto é, o locutor objetiva dar ou receber alguma informação, a partir do que enuncia, sem expressar determinada atitude (ANTUNES, 2007).	Para esse afeto social não há contexto definido. Pode ser alguma parte descritiva de um testemunho, como “ <i>Eu acordava, todos os dias, às seis da manhã.</i> ”.

3.4 Análise Prosódica

Após a análise perceptiva e escolha dos trechos de acordo com os parâmetros discursivos apresentados acima, demos início à análise acústica do *corpus*, que foi feita no programa PRAAT®, por meio do qual obtivemos as medidas da frequência fundamental, duração, intensidade.

Goldman e colegas (2007) listaram várias medições dos parâmetros prosódicos (duração, F_0 e intensidade) com base em um alinhamento silábico ou segmental que utilizamos nesse trabalho. Para eles, esses parâmetros são suficientes para uma análise prosódica, mas podem ser desmembrados em outros, por isso escolhemos analisar também, neste trabalho, a velocidade de fala, presença de pausas e ênfases a fim de verificar as variações prosódicas que podem caracterizar os afetos sociais que ajudam na construção persuasiva da fala dos locutores tomados aqui.

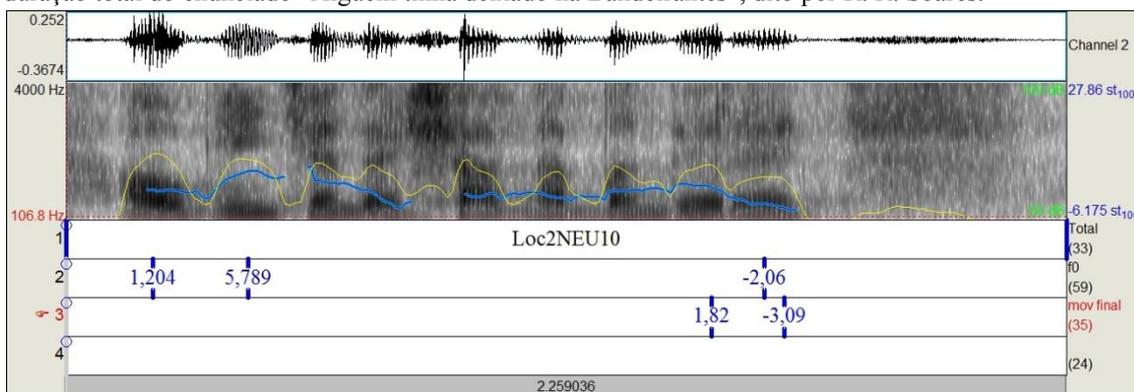
Para realizar as medidas acústicas de F_0 , usamos a unidade de semitons, com base em 100Hz (st/100Hz), o que pode facilitar a comparação entre diferentes locutores por se tratar de medida relativa. Foram medidos os valores inicial, final máximo e mínimo de cada sentença. Quando houve ênfases, foram calculados os valores, iniciais, mediais e finais da parte enfatizada nas curvas de cada enunciado, pois podem caracterizar um afeto social da fala. Também foi verificado o movimento final de F_0 e a média de F_0 da sentença.

Para o parâmetro de duração foram medidas a duração total do enunciado, usada no cálculo das taxas de elocução e articulação e os prolongamentos segmentais e pausas, quando presentes. A taxa de articulação (velocidade de fala), foi obtida dividindo o número de sílabas pronunciadas pela duração total do enunciado, contando as pausas, em segundos, obtendo um valor em sílabas por segundo (*síl/s*); a taxa de elocução, considera a divisão do número de sílabas pronunciadas pela duração do enunciado, excluindo as pausas. Os prolongamentos e pausas, quando presentes, foram medidos em milissegundos.

Observamos as médias de intensidade para cada enunciado, dada em decibéis (dB). Vale lembrar que essa medida foi realizada apenas para o locutor R. R. Soares, por usar microfone fixo, como anteriormente justificado.

Abaixo, a Figura 7 mostra como as medidas foram realizadas por meio do PRAAT e as marcações feitas pela autora.

Figura 1: Onda sonora, espectrograma, curvas de intensidade (em amarelo) e de F_0 (em azul) e tiras de grade de textos com a rotulação da atitude, os valores de F_0 , os movimentos melódicos finais e o valor da duração total do enunciado “Alguém tinha deixado na Bandeirantes”, dito por R. R. Soares.



Na análise perceptiva, notamos que a qualidade de voz é um recurso presente no discurso religioso e sua alteração interfere na construção de significados. Nesse caso, foram analisados auditivamente enunciados em que estivesse presente uma qualidade de voz sussurrada ou a presença de voz crepitante.

Finalizada essa etapa foram feitas as médias dos valores de cada parâmetro acústico, por meio das quais obtivemos as tabelas e os gráficos para a comparação entre as falas caracterizadas como persuasivas (mais atitudinais) e a fala neutra de cada um dos locutores e, assim, verificar quais parâmetros prosódicos mais participam da construção dos afetos sociais aqui analisados que atuam na persuasão. Posteriormente foi feita uma comparação da fala persuasiva dos dois locutores a fim de verificar se os dois se valem das mesmas estratégias prosódicas para persuadir ou não.

Por se tratar de uma pesquisa na qual o *corpus* foi obtido através de vídeos, cabe lembrar que não ignoramos o fato de os gestos, as expressões faciais e as demais informações agirem como aliados no processo de construção de sentido como proposto nos estudos de Abelin (2008), Moraes (2008, 2012), Aubergé (2013) e Antunes, Aubergé, Sasa (2014) sobre multimodalidade. Porém, para este trabalho, foram tomados para análise apenas aspectos auditivos da prosódia da fala.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, apresentaremos e discutiremos os resultados encontrados a partir das análises dos dados. Na primeira seção, trataremos dos resultados da análise perceptiva. Na segunda, passaremos às análises discursivas e, em seguida, às análises acústicas, no que diz respeito à construção prosódico-discursiva em alguns momentos das pregações quando encontramos expressões de afetos sociais, que serão comparadas às expressões neutras. Mostraremos, também, uma comparação acústica entre os resultados das medidas médias das expressões de determinados afetos sociais e dos enunciados neutros.

Para cada locutor, procuramos fazer uma breve descrição da construção do *ethos* para compor a análise e proporcionar melhor entendimento da pesquisa. Sabemos que a construção *ethica* vai além das características aqui sinalizadas, no entanto, nosso objetivo não é uma descrição exaustiva sobre essa construção. Nosso intuito em mostrar a construção discursiva do *ethos* de cada locutor é sinalizar mais um quesito que vem a colaborar para a persuasão no discurso religioso dos dois líderes que selecionamos para este estudo.

4.1 Análise perceptiva preliminar e escolha dos enunciados para análise

No momento da pregação, é comum que os pastores utilizem vários gêneros textuais para compor o evento comunicativo, como testemunhos, parábolas, textos bíblicos, orações, preces, dentre outros. Todos esses gêneros textuais, que são embasados por estímulos religiosos, são utilizados para impor ou reforçar um modelo de comportamento adequado perante Deus, fazendo o interlocutor crer que o bem-estar pessoal, o progresso material e a vida eterna ao lado de Deus dependem dessa conduta.

Pensamos que a pregação é um momento importante no culto religioso, pois, nessa situação comunicativa, o pastor, além de ter o respaldo bíblico e ideológico, vai deixar transparecer seus afetos sociais na fala com o propósito de persuadir os ouvintes.

Uma observação importante para caracterizar o discurso dos locutores e escolher os enunciados foi que os dois pastores expressam afetos sociais distintos na composição suas pregações. Valdemiro Santiago, por exemplo, utiliza a crítica para apontar comportamentos inadequados e, muitas vezes, se coloca em grau de inferioridade (falsa modéstia). Conhecido por operar milagres, Valdemiro se preocupa em afirmar que é um homem comum (“comedor de angu”, como diz), mas que, por algum motivo, Deus o escolheu para seu servo com o objetivo de continuar fazendo prodígios na Terra. R. R. Soares, por sua vez, procura incitar determinados comportamentos se colocando em posição de autoridade em relação ao inimigo (toda “força do mal” que queira desviar os homens do caminho de Deus), ordenando a saída dessas forças da vida de seus fiéis, e aconselha seus fiéis a procurarem sempre a palavra e o caminho de Deus. A distinção entre ordem e conselho é percebida, sobretudo, pela entonação. Para dar ordens o pastor faz uso de uma entonação mais elevada que transmite rispidez, distante do seu tom de voz neutra. Já para aconselhar, o pastor faz uso de uma entonação próxima ao seu tom neutro de voz. Enquanto um assume a postura de um crítico dotado de razão e falsa humildade, o outro tem características que se aproximam da fraternalidade, aconselhando e protegendo seus fiéis expulsando as forças, segundo ele, malignas, que possam agir sobre eles.

Por percebermos que essas características estavam presentes em todos os vídeos selecionados e que elas caracterizam a personalidade de cada pastor projetada nas respectivas pregações, escolhemos enunciados em que o pastor Valdemiro Santiago faz críticas a outras crenças religiosas e às pessoas que desacreditam ou desconfiam de seu poder de milagreiro e aqueles em que demonstra falsa modéstia, se dizendo ser humano comum sem dons especiais, mas ao mesmo tempo um indivíduo privilegiado por Deus, escolhido para operar milagres. Para R.R. Soares, escolhemos os momentos em que transparece autoridade (dá ordens) às forças que ameaçam a vida em Cristo dos seus fiéis e os momentos em que aconselha seus fiéis. Foram selecionadas, também, frases neutras para ambos os locutores para fins de comparação.

4.2 Construção discursiva de Romildo Ribeiro Soares para persuadir

As pregações que escolhemos para analisar a fala de R.R. Soares foram realizadas em seu programa de televisão *Show da fé*. Por se tratar de um programa televisionado na TV aberta e com tempo delimitado, os cultos são bem organizados e as partes são bem delimitadas. Embora haja alterações de um programa para outro, de modo geral, o Show da Fé apresenta as seguintes partes: Música de entrada cantada pelo pastor e acompanhada com palmas pelo auditório; introdução à pregação do dia seguida de citação bíblica; testemunhos de fiéis seguidos de reflexão guiada pelo pastor; oração de misericórdia, agradecimento e afastamento de maus espíritos; “Novela da vida real” (testemunho de algum fiel apresentado por meio de simulação), seguida de reflexão guiada pelo pastor; divulgação de cultos e demais eventos da igreja; recado aos dizimistas (a quem chama de patrocinadores); divulgação de páginas e *sites* da igreja; divulgação do Shopping do Povo (loja virtual de produtos evangélicos) e da Nossa TV (TV por assinatura). Além disso, às vezes o programa conta com alguma atração musical e apresentação de algum episódio do desenho “Midinho: o pequeno missionário”.

Durante o culto, o pastor transita por diversas temáticas como salvação, libertação e cura por meio da palavra de Deus, sabedoria em escolher o caminho de Deus, reforço da fé e dos princípios da igreja, afastamento do pecado, punição divina para aqueles que se negam a pagar o dízimo (segundo o pastor, devolvê-lo). Valendo-se de uma das estratégias para persuadir, que é tocar o interlocutor por meio da palavra, o pastor, durante a maior parte dos cultos, porta-se como conselheiro, fazendo uso de tom de voz amigável (tom de voz suave no qual a articulação dos fonemas é precisa, em velocidade e altura melódica próximas da fala natural do falante e não se percebe tensões na emissão), usa a primeira pessoa do plural na maioria dos conselhos, como forma de se aproximar de seu público. Por outro lado, ao demonstrar autoridade, o pastor se porta como aquele que tem o poder de afastar todo mal que ronda a vida de seus interlocutores por ser possuidor de uma fé singular, capaz de provocar tal feito.

Os afetos sociais que se sobressaem no discurso oral do locutor são estímulos que podem afastar ou aproximar os interlocutores. É claro que, com essa construção, o locutor visa a obter resposta, sobretudo emocional, positiva de seus interlocutores, uma vez que, produzindo estímulos agradáveis por meio do discurso aconselhador e protetor

e do tom de voz fraternal, ele tende a aproximar-se dos fiéis cativá-los, pois, como falamos no Capítulo 1, para persuadir sem necessidade de comprovações é necessário que o locutor inspire virtude, prudência e benevolência (ARISTÓTELES, 2005). Além disso, para que a credibilidade seja estabelecida o pastor precisa inspirar verdade, viver aquilo que diz e provar que as promessas divinas se cumprem. E é isso que R. R. Soares faz. Mostra-se um homem benevolente aconselhando, pedindo e desejando o melhor para seus fiéis, afastando forças malignas, testemunhando sobre as graças alcançadas em sua vida e mostrando depoimentos de fiéis que também alcançaram graças após seguirem o caminho de Deus, segundo aquela Igreja.

É comum, nas pregações, que o locutor R.R. Soares atribua às “forças do mal” (ao inimigo, ao demônio) toda e qualquer atitude ou consequência que afasta o indivíduo de sua comunhão com os princípios da igreja e de Deus. Sendo assim, o pastor usa de sua autoridade e de sua fé para expulsar, em nome de uma força maior, que é, segundo ele, Jesus Cristo, as forças malignas que pairam sobre a vida dessas pessoas. O pastor, então, costuma dizer coisas como:

*“Ô espírito **IMUNDO** // solta essa pessoa // vá embora // e não perturbe mais //EM NOME de Jesus!”*.¹⁶

Nessa fala, assim como em todos os momentos em que dá ordens, fica clara a autoridade do locutor tendo em vista o uso dos verbos no imperativo, pelo tom de voz utilizado, que demonstra ser ele uma autoridade a falar em nome de uma força superior à humana (em nome de Jesus). Percebemos também a ênfase dada ao adjetivo depreciativo que qualifica o espírito que está, segundo o pastor, afastando o fiel da igreja.

Anteriormente a essas ordens, são comuns os aconselhamentos sobre a importância em não decepcionar a Deus com comportamentos inadequados e também os incentivos para que os fiéis se mantenham firmes à palavra (aos ensinamentos da Bíblia), para alcançarem seus objetivos e não deixarem que o inimigo atrapalhe os planos que Deus tem para eles. Nesse contexto o locutor se mostra, de certa maneira, protetor de seus fiéis, aquele que expulsa toda força maligna e negativa para que seu povo alcance a libertação, a prosperidade, a cura e outras graças divinas.

¹⁶As transcrições não seguem padrões descritos na literatura. Os símbolos usados são: as barras, para indicar pausas; grafia maiúscula para indicar ênfases e prolongamento do termo; sublinhado, para indicar soproiedade.

Outra característica importante encontrada da fala desse locutor foi o uso de uma qualidade de voz soprosa quando enfatiza verbos no imperativo ao dar ordens aos maus espíritos, como em

“SAIA // *EM NOME* de Jesus.”

O verbo no imperativo “*saia*” apresenta qualidade de voz soprosa, o que pode ser interpretado no contexto como sinal de rispidez ou irritação. A ênfase e o prolongamento do trecho “*em nome*” sinaliza um reforço àquele em nome de quem se fala e também um reforço à autoridade legítima de quem fala.

Para o conselho também contamos com a presença de verbos no imperativo, no entanto, esses verbos não carregam a força e rispidez de uma ordem. Um conselho dado em tom de voz fraternal por aquele que objetiva levar os fiéis a alcançarem graças divinas é um estímulo positivo, agradável e traz o público para mais perto do locutor. O fato de, muitas vezes, usar a primeira pessoa do plural (nós) para aconselhar, coloca o pastor no mesmo nível espiritual que seus fiéis, isto é, o pastor também precisa continuar firme nas propostas da igreja assim como todos aqueles que querem atingir o estado da graça divina. Vejamos um exemplo:

“*Nós temos que tomar SÁBIAS atitudes.*”

Esse enunciado em primeira pessoa mostra que o pastor não está livre das regras para alcançar a graça. Isso o coloca em grau de igualdade perante seus fiéis e pode funcionar, também, como um incentivo, já que ele é o líder. O prolongamento no adjetivo *sábias*, que qualifica o substantivo *atitudes*, reforça o caráter das atitudes a serem tomadas para alcançar as graças de Deus, além de, direcionado pelo contexto, sinalizar que sábias atitudes são aquelas que estão de acordo com os princípios daquela igreja.

É claro que a construção discursiva nessa situação de comunicação vai além das características da fala e do discurso em si. A prosódia facial e gestual, o cenário e a construção do *ethos* são muito importantes nessa construção discursiva que são as pregações, porém, para este trabalho nos propomos a trabalhar com a construção prosódica e discursiva no discurso religioso neopentecostal tendo foco nos aspectos prosódicos que serão tratados nos próximos tópicos deste trabalho.

4.2.1 Análise prosódica da autoridade do pastor R.R. Soares

Nesse tópico discutiremos o papel da prosódia na expressão dos afetos sociais de autoridade (ordem) na fala do pastor R. R. Soares. Para isso, mostraremos as médias dos valores dos parâmetros prosódicos de F_0 , de duração e de intensidade encontrados nos enunciados de ordem e neutros do mesmo locutor. Descreveremos, também, o comportamento das pausas e das ênfases.

4.2.1.1 Medidas pontuais e movimentos de F_0 : neutro x autoridade

Para a análise da frequência fundamental medimos os pontos inicial, final, máximo, mínimo e a média de cada enunciado. Além dessas medidas, atentamo-nos aos movimentos de ênfase dada pelo locutor em determinado afeto social. A mesmas medições foram realizadas nos enunciados neutros para que pudéssemos compará-las às médias obtidas nos enunciados com afeto social. A tabela abaixo traz as médias de F_0 e o desvio padrão (DP) de ambas as categorias, o que possibilita perceber o quão diferentes são os valores. O desvio padrão é uma medida de dispersão em relação à média que indica a (ir)regularidade de um conjunto de dados, assim, quanto maior o desvio padrão, menor a regularidade dos dados. Em outras palavras, quanto maior o desvio padrão na tabela 1, maior as variações nas medidas da curva de F_0 dos dados analisados.

Tabela 1: Medidas dos pontos de F_0 (inicial, final, máximo, mínimo e média), em semitons por cem Hertz, e desvio padrão, entre parênteses, dos enunciados de autoridade (30) e neutros (30).

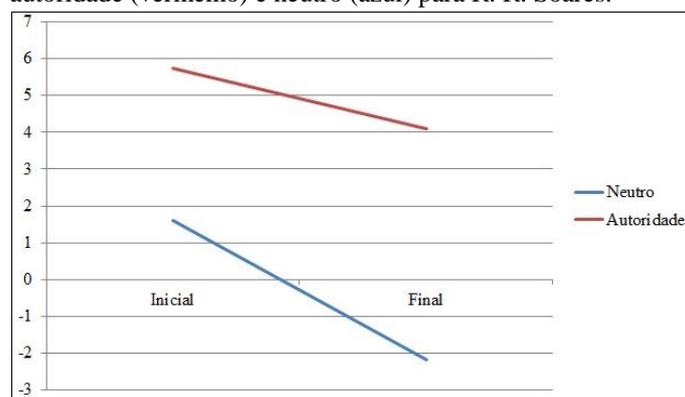
	F_0 Inicial (st/100Hz)	F_0 Final (st/100Hz)	F_0 Máximo (st/100Hz)	F_0 Mínimo (st/100Hz)	F_0 Média (st/100Hz)
Autoridade n = 30 (DP)	10,85 (4,04)	4,71 (5,50)	14,91 (4,78)	2,42 (4,03)	7,76 (3,96)
Neutro n = 30 (DP)	3,43 (3,68)	-2,91 (1,46)	6,33 (3,13)	-3,00 (0,99)	1,62 (1,93)

Os dados da tabela nos mostram que, para todas as medidas apresentadas, os valores de F_0 são superiores nos enunciados de autoridade. Isso é um indício de que o locutor ajusta sua voz para expressar autoridade. Também nesses enunciados o valor do

desvio padrão é maior, atestando maior variabilidade nos dados com o afeto social que nos neutros. Tal ajuste prosódico é percebido quando comparamos os valores de frequência fundamental dos enunciados neutros com os de autoridade e também quando reparamos que o desvio padrão é maior nos enunciados mais atitudinais, ou seja, nesses enunciados há mais movimentação da curva de F_0 , o que vai fazer com que um afeto social expressivo, ou mais atitudinal, se distancie do menos atitudinal.

Outro movimento importante a ser observado na curva melódica é o movimento final. Esse movimento é considerado importante para distinguir modalidades frasais e para demonstrar estados afetivos do locutor. Por esse motivo, realizamos as medidas do começo e do término de cada enunciado e o resultado para o afeto social de autoridade em comparação com o neutro foi o seguinte:

Gráfico 1: Movimento final descendente dos afetos sociais de autoridade (vermelho) e neutro (azul) para R. R. Soares.



O gráfico nos mostra que, apesar de a autoridade apresentar frequência fundamental significativamente mais elevada que os enunciados neutros, em ambos os tipos de enunciados os movimentos finais são descendentes. Nas expressões neutras o movimento final inicia em 1,6 st/100Hz e termina em -2,18st/100Hz, em média, enquanto para os enunciados que expressam autoridade a queda do movimento de F_0 tem início, em média, em 5,74st/100Hz e termina em 4,1 st/100Hz. Embora ambos os movimentos finais sejam descendentes, percebemos que a queda nos enunciados com afeto social de autoridade é menos expressiva que nos neutros. Enquanto nas expressões de autoridade a queda é de 1,64st/100Hz, nas expressões neutras a queda é de 3,78 st/100Hz, mais abrupta, portanto. Podemos afirmar, então, que os movimentos melódicos finais do locutor R. R. Soares são descendentes tanto para expressar

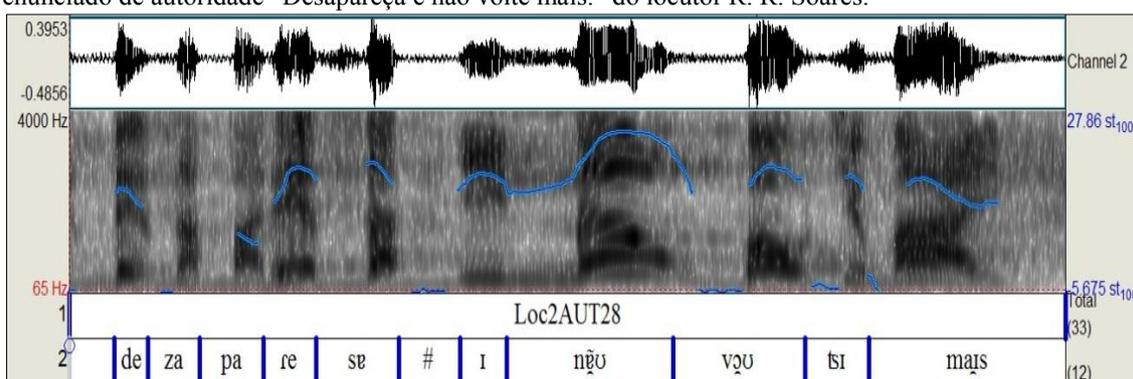
autoridade quanto para expressar neutralidade, sendo que a F_0 dos afetos sociais de autoridade tem valores maiores e menor descida quando comparada à dos neutros.

Como parte do nosso processo de análise dos movimentos de F_0 , analisamos os movimentos de ênfase que encontramos nos enunciados de autoridade. Além de serem importantes para caracterização de um afeto social - pois podem sinalizar uma crítica ou a intenção do locutor de sobressair no discurso, por exemplo - as ênfases colaboram na construção de sentido do enunciado, uma vez que é incorporada de forma estratégica no discurso atraindo a atenção para um ponto específico do enunciado.

Nos enunciados em que analisamos a expressão de autoridade do pastor R. R. Soares, notamos que 14 dos 30 enunciados apresentavam ênfases e todas formavam movimentos circunflexos. Isso quer dizer que as ênfases dadas em determinados pontos do enunciado pelo locutor apresentavam movimentos ascendentes e descendentes configurando um formato circunflexo na curva melódica. O mesmo não foi notado nos enunciados neutros.

Das médias dos movimentos ascendentes e descendentes das ênfases, constatamos que o movimento ascendente inicia em 10,64st/100Hz e termina em 16,4 st/100Hz. Já o movimento descendente inicia em 16,39st/100Hz e a queda termina em 12,64st/100Hz. A figura abaixo mostra o movimento de ênfase.

Figura 2: Forma de onda, espectrograma, curva melódica, grade de texto em transcrição fonética do enunciado de autoridade “Desapareça e não volte mais.” do locutor R. R. Soares.



Na imagem, percebemos nitidamente a ênfase na curva melódica que se dá por ocorrência do movimento circunflexo. Esse movimento está no advérbio de negação “não” da frase “Desapareça e não volte mais”, pronunciada pelo locutor. No contexto em que ocorre a frase, o pastor R.R. Soares ora por aqueles que, segundo ele, estão no caminho do pecado e ordena ao Diabo que saia da vida dessas pessoas e que leve com ele todo mal que as impede de viver na graça divina.

Ao observar os movimentos de ênfase nos enunciados, percebemos que, de modo geral, as palavras destacadas são advérbios de negação (não, nunca), substantivos de significados negativados perante a igreja (Diabo, Demônio, pecado) verbos ou locuções verbais (muitas vezes, no imperativo) que inferem libertação, salvação (saia, desapareça, estou exigindo sair, estou mandando) e o mais característico, ao final de suas ordens, que é a ênfase na palavra “nome” do bordão “Em nome de Jesus”, que busca reforçar a legitimidade e a autoridade do locutor que profetiza em nome de uma força maior situada no plano superior ao dos humanos, que é o divino.

A seguir, trataremos do parâmetro de duração, dentro do qual abordaremos a duração das ênfases, pausas e prolongamentos aspectos importantes na construção o sentido dos enunciados na fala.

4.2.1.2 Medidas de duração: neutro x autoridade

Nesse parâmetro um dos nossos objetivos era chegar à média da taxa de elocução, que consiste na quantidade de sílabas pronunciadas por segundo, excluindo as pausas. Com esse resultado podemos mensurar se há diferença na taxa de articulação (velocidade de fala) dos enunciados neutros e expressivos. Vejamos o resultado:

Tabela 2: Média da taxa articulação e de elocução dos enunciados neutros e de autoridade do locutor R. R. Soares, em sílabas por segundo (síl/s).

	Taxa de articulação	Taxa de elocução
Neutro	5,49 síl/s	5,55 síl/s
Autoridade	3,68 síl/s	3,78 síl/s

Segundo os dados da tabela, os enunciados neutros apresentam maior taxa de elocução (5,55 síl/s) que os enunciados que expressam autoridade (3,78 síl/s), isso quer dizer que nos enunciados mais atitudinais o locutor tende a falar mais lentamente que nos enunciados neutros, seja considerando as pausas (taxa de articulação) ou não. Isso pode sinalizar uma estratégia para garantir a eficácia na assimilação de seus enunciados por parte de seus interlocutores.

As pausas não foram frequentes nos enunciados neutros (apenas 2 ocorrências em 30), já nos enunciados de autoridade elas se mostraram mais frequentes (11

ocorrências em 30). Ainda assim, não consideramos relevante uma discussão mais profunda sobre esse aspecto, pois notamos que são pausas respiratórias, com função de segmentar blocos de fala, sem função persuasiva explícita.

Quanto aos prolongamentos, notamos as tônicas das palavras enfatizadas mais longas que as demais do enunciado. No exemplo que demos no tópico anterior, palavra “não” foi a enfatizada e apresentou duração de 0,423s, enquanto as demais sílabas possuem uma média de duração de 0,317s ao longo do enunciado. Nos demais enunciados de autoridade a média dos prolongamentos foi de 0,287s, enquanto as demais sílabas dos enunciados tiveram duração média de 0,226s. Pelo fato de esses prolongamentos e as ênfases não terem sido encontrados nos enunciados neutros, acreditamos que sejam características da fala desse locutor para compor o afeto social de autoridade destacando determinados itens de maneira estratégica.

4.2.1.3 Medidas de intensidade: neutro x autoridade

Falamos anteriormente que as medidas de intensidade seriam calculadas apenas para o locutor R. R. Soares, pelo fato de ele usar um microfone fixo, que acompanha os movimentos da cabeça, possibilitando certo controle entre a distância entre a boca e o microfone. Apresentaremos valores médios desse parâmetro, observando se existem mudanças que possam contribuir para a caracterização do pedido e da autoridade. Segue a tabela:

Tabela 3: Média de intensidade para as expressões de autoridade e neutras, dada em decibéis (dB).

Intensidade (dB)	
Neutro	66,70
Autoridade	69,54

Conforme mostra a tabela, há uma mudança de, aproximadamente, 3dB entre as expressões de autoridade e neutras. Isso quer dizer a intensidade com que o locutor expressa autoridade é maior do que quando não quer expressar afeto social algum. Essas adaptações no volume de voz sugerem que o locutor procura chamar mais atenção dos ouvintes nas expressões de autoridade, acentuando o valor do que está sendo dito.

4.2.2 Análise prosódica do conselho para R. R. Soares

O procedimento de análise para os parâmetros prosódicos na expressão do conselho foi o mesmo para todos enunciados. Iniciamos pelos pontos de F_0 e também estivemos atentas aos movimentos de ênfase e aos prolongamentos.

4.2.2.1 Medidas pontuais e movimentos de F_0 : neutro x conselho

A tabela abaixo traz as médias de F_0 e o desvio padrão dos enunciados de conselho e neutro para fins de comparação e, como na análise do afeto social anterior, além das médias, apresentamos o desvio padrão.

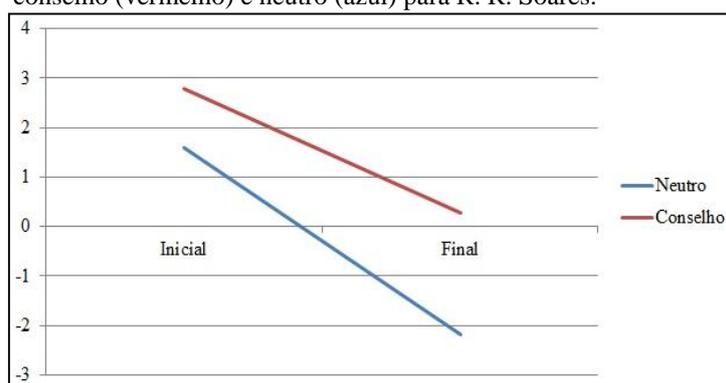
Tabela 4: Medidas dos pontos de F_0 (inicial, final, máximo, mínimo e média), em semitons por cem Hertz, e desvio padrão, entre parênteses, dos enunciados de conselho (30) e neutros (30).

	F_0 Inicial (st/100Hz)	F_0 Final (st/100Hz)	F_0 Máximo (st/100Hz)	F_0 Mínimo (st/100Hz)	F_0 Média (st/100Hz)
Conselho n = 30 (DP)	10,00 (4,04)	-1,00 (5,50)	12,25 (4,78)	-1,61 (2,98)	4,58 (3,16)
Neutro n = 30 (DP)	3,43 (3,68)	-2,91 (1,46)	6,33 (3,13)	-3,00 (0,99)	1,62 (1,93)

Como esperado, os dados confirmam que as médias nos enunciados de conselho (mais atitudinais) apresentam médias superiores às dos enunciados neutros (menos atitudinais). As médias das medidas de frequência fundamental e o desvio padrão, também superior nos enunciados de conselho, levam-nos a entender que o locutor varia mais a F_0 nas expressões mais atitudinais, como a do conselho e da autoridade, mostrada anteriormente.

Nas medidas de movimento final, constatamos que, assim como para a autoridade, ambos os tipos de sentença apresentaram movimento descendente. O gráfico abaixo representa as médias do movimento dos enunciados de conselho em comparação com os neutros.

Gráfico 2: Movimento final descendente dos afetos sociais de conselho (vermelho) e neutro (azul) para R. R. Soares.

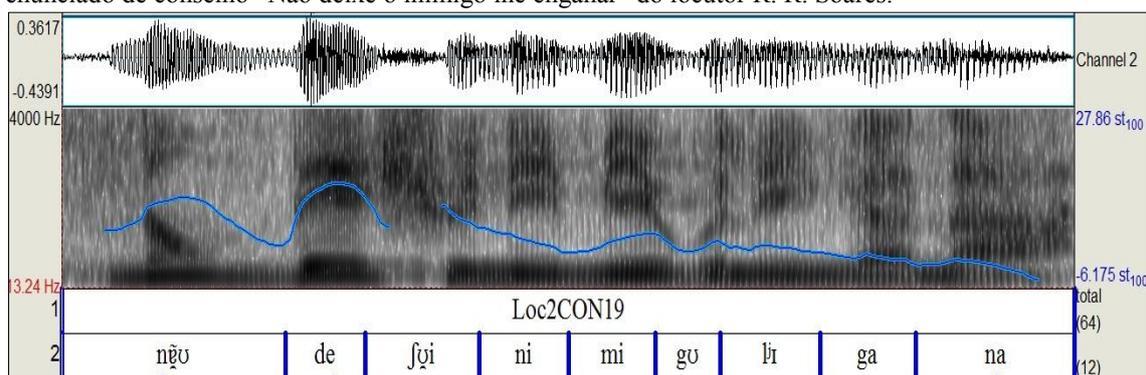


Por meio do gráfico, verificamos que ambos os movimentos são descendentes, sendo que, para os enunciados que expressam conselho (mais atitudinais) a frequência fundamental é mais alta que nos neutros. Para os enunciados neutros o movimento final inicia em 1,6 st/100Hz e termina em -2,18st/100Hz, enquanto para os enunciados que expressam conselho o movimento descendente de F_0 tem início em 2,79st/100Hz finalizando em 0,28st/100Hz. Da mesma forma que nos enunciados de autoridade, os enunciados de conselho apresentam diferenças de expressividade no final em relação a os enunciados neutros. Isso é percebido pela diferença na inclinação do movimento final que é mais íngreme para os enunciados neutros, significando maior queda. A queda nas expressões neutras foi de 3,78 st/100Hz contra 2,51st/100Hz nas expressões de conselho.

Em se tratando dos movimentos de ênfase para o conselho, notamos que foram realizados movimentos circunflexos de F_0 , com movimento ascendente e descendente, e estavam presentes em 13 dos 30 enunciados. Ao reparar os movimentos de ênfase e as médias dos movimentos ascendentes e descendentes, verificamos que as ênfases que ocorrem em enunciados de conselho são menos abruptas que nos enunciados de autoridade. Os movimentos ascendentes das ênfases tiveram seu início em 7,75st/100Hz e término em 12,04st/100Hz e queda com início em 12,17st/100Hz finalizando em 10,18st/100Hz, em média. Vale lembrar que tal movimentação da curva melódica não foi notada nos enunciados neutros.

A figura abaixo traz um exemplo de ênfase na expressão de conselho.

Figura 3: Forma de onda, espectrograma, curva melódica, grade de texto em transcrição fonética do enunciado de conselho “Não deixe o inimigo lhe enganar” do locutor R. R. Soares.



Na imagem, percebemos um movimento circunflexo acentuado nas duas primeiras palavras da frase “não” e “deixe”. No contexto, o locutor dá conselhos aos fiéis sobre como estarem atentos às estratégias do Diabo (o inimigo) para afastá-los do caminho de Deus e incentiva a todos a serem bênçãos, como Deus profetizou, segundo ele.

Para as expressões de conselho, notamos que os itens enfatizados são, de modo geral, advérbios de negação e de quantidade (não, nada, tudo); verbos (no imperativo, quando o conselho é somente para os fiéis, e no subjuntivo, quando o pastor se inclui nos conselhos - seja, crie, sintamos, façamos) antecidos por pronome negativo ou não e o verbo *ter* no presente, compondo a expressão de conselho “tem que” ou “temos que”. Vale lembrar que a construção sintática dos enunciados de conselho e de autoridade são muito similares, a distinção entre esses afetos sociais é feita, sobretudo, pela entonação e pela interlocução: as ordens, a autoridade é usada contra as forças malignas; o conselho é usado para com os fiéis.

Se compararmos com mais atenção, chegaremos à conclusão de que a grande diferença entre conselho e autoridade não são os itens enfatizados, mas sim, na altura melódica, principalmente, mas ainda na intensidade e na duração do enunciado. Um mesmo enunciado pode ser dito de duas maneiras diferentes de modo que, por meio da entonação, o locutor dê uma ordem e, de outra maneira, um conselho.

Adiante falaremos da duração e dos prolongamentos encontrados nos enunciados de conselho e no que eles se diferem dos afetos sociais de autoridade.

4.2.2.2 Medidas de duração: neutro x conselho

Para essa análise, medimos as taxas de elocução e articulação dos enunciados de conselho e comparamos com os neutros para verificar e quantificar a diferença entre a quantidade de sílabas pronunciadas por segundo em cada categoria. Abaixo, a tabela mostra a média da taxa de elocução dos enunciados neutros (menos atitudinais) e de conselho (mais atitudinais).

Tabela 5: Média da taxa de elocução dos enunciados neutros e de conselho do locutor R. R. Soares, em sílabas por segundo (síl/s).

	Taxa de articulação	Taxa de elocução
Neutro	5,49síl/s	5,55 síl/s
Conselho	4,62síl/s	4,67 síl/s

Pela tabela, vemos que a taxa de articulação dos enunciados neutros é superior à dos enunciados de conselho, sendo 5,49 síl/s contra 4,62 síl/s; a taxa de articulação também é mais alta nos neutros: 5,55 síl/s contra 4,67 síl/s nos enunciados de conselho. Ou seja, nos enunciados mais atitudinais (considerando as pausas ou não) a fala do locutor é mais lenta que nos enunciados neutros, com o objetivo de facilitar a assimilação do conteúdo por parte dos interlocutores.

Apenas 5 dos 30 enunciados atitudinais e 2 dos 30 enunciados neutros apresentaram pausas. Notamos, também nesse caso, que as pausas têm função respiratória para separar blocos de fala, devido à extensão dos enunciados.

Com relação aos prolongamentos, notamos que nem sempre os prolongamentos coincidem com as ênfases, diferentemente do que ocorre nos enunciados de autoridade. Às vezes acontece de o item enfatizado ser um verbo localizado no início da frase e o prolongamento ser feito em algum substantivo mais ao final do enunciado. Encontramos prolongamentos em verbos (no imperativo, infinitivo e gerúndio), em advérbios de negação (não e nunca), em adjetivos (sábias, grande) e em substantivos, como soldado (na expressão “soldado de Deus”, que designa aquele que defende a Deus e luta pelas causas divinas).

Os prolongamentos nos enunciados de conselho foram em média de 0,304s em uma média de enunciados que têm as demais sílabas com 0,211s de duração.

4.2.2.3 Medidas de intensidade: neutro x conselho

Os valores médios do parâmetro de intensidade para as expressões de conselho e neutro estão expostos na tabela abaixo.

Tabela 6: Média de intensidade para as expressões de conselho e neutras, dada em decibéis (dB).

Intensidade (dB)	
Neutro	66,70
Conselho	68,83

A tabela confirma a diferença de volume de voz na fala neutra e atitudinal, sendo que há uma diferença de aproximadamente 2dB na intensidade de uma expressão para outra. Os enunciados neutros apresentam médias de intensidade inferiores às do conselho e este apresenta médias inferiores às da autoridade. Essa diferença nos leva a crer que, pelo fato de ser o conselho um afeto social de maior empatia que a autoridade, a intensidade vocal adequada para essa expressão tende ser mais suave do que quando pretende expressar autoridade ou rispidez. Dessa maneira, nota-se a construção da credibilidade do locutor por meio da benevolência. Ele usa mais intensidade para ser impositivo e ríspido nos enunciados de autoridade dirigindo-se às forças malignas, ordenando que as mesmas se afastem de seu povo, assumindo o posto de protetor de seus fiéis. Já para aconselhar a intensidade é menor, pois o pastor procura transmitir na voz certa afeição em suas recomendações.

4.2.3 Qualidade de voz na locução de R. R. Soares

Embora a qualidade de voz seja um parâmetro analisado acústica e perceptivamente nos estudos prosódicos recentes, nossa proposta é a análise perceptiva desse quesito.

Autores como Cagliari (1992) e Queiroz (2011) alegam que, por meio do uso de determinada qualidade de voz, o locutor pode sinalizar expressões de fala, dentre elas os afetos sociais. Procuramos, então, observar, ao longo dos áudios, o uso de qualidade de voz que poderia estar ligado aos afetos sociais que tomamos para análise.

Notamos que tanto para os afetos sociais de autoridade quanto para os de conselho o locutor R. R. Soares, por vezes, faz uso de qualidade de voz soproso quando deseja acentuar algum item (verbo no imperativo, principalmente).

Ao expressar autoridade, como em “*Saia, em nome de Jesus*” a soproso aliada ao prolongamento e à intensidade no verbo imperativo *saia* intensifica a ordem que é dada. Não se trata de uma ordem qualquer, é uma espécie de imposição, exigência.

Ao aconselhar o fiel para que “*Seja um soldado de Deus*” colocando a soproso e o prolongamento na sílaba tônica do item *soldado*, o substantivo que ganha destaque positivo e credibilidade.

4.3 Construção discursiva de Valdemiro Santiago para persuadir

Os áudios escolhidos para a análise da fala do pastor Valdemiro Santiago são pregações, com presença de auditório e transmitidas ao vivo. Por se tratar de uma transmissão televisiva, esperávamos que os quadros que compõem o culto fossem bem delimitados, no entanto, notamos o contrário. Nos cultos é comum o pastor realizar pregações na maior parte do tempo com base em curtos trechos bíblicos que são lidos e interpretados por ele. No decorrer da situação comunicativa, além de dar seus próprios testemunhos durante a pregação, o pastorcolhe testemunhos dos fiéis; realiza a imposição das mãos sozinho ou acompanhado pela sua esposa, a bispa Franciléia; divulga os feitos de igreja e sua agenda; benze e vende objetos milagrosos e incentiva a oferta do dízimo e de outras contribuições.

As temáticas são variadas. Em uma mesma pregação, por exemplo, o pastor fala de fidelidade a Deus, juízo final, milagres operados pelos apóstolos no tempo de Cristo, calúnia, causas de sofrimento, dentre outros. Uma característica observada no seu discurso foi a presença de muitas perguntas retóricas ao longo de toda pregação, o que pode ser um recurso para instigar a participação do público ou até mesmo para reforçar determinada crença, como em

“*Vocês veem milagres aqui?*”

Ao fazer perguntas retóricas como essa, logo após contar sobre milagres que presenciou ou que fiéis testemunharam, o público responde um sim em coro,

certificando o locutor de sua credibilidade por meio da condição de eficácia, apontada por Charaudeau (2006) como uma das condições que inspiram credibilidade.

Conhecido por operar milagres em sua igreja, o pastor, durante as pregações, cita exemplos desses feitos como forma de reforçar a ideia de que Deus continua operando milagres pelas mãos dos apóstolos, isto é, pelas mãos dele. O pastor critica aqueles que o apontam como mentiroso e charlatão e alega que esses sentem inveja por não gozarem do privilégio de fazer milagres em nome de Deus como ele.

É também comum o pastor falar das perseguições que sofreu, ou sofre, por aqueles que o acusam, ou acusavam, de abusar da fé alheia. A esse respeito, Valdemiro chega sempre à mesma conclusão: de que os perseguidores não passam de sujeitos invejosos que querem estorvar a obra de Deus. Nas palavras do pastor, aqueles que criticam

“(...) veem a situação que Deus me colocou e gostariam de tá no meu lugar.”

O apóstolo se mostra resistente às críticas e às calúnias e não desiste de seu propósito. Algumas vezes, menciona terceiros que dizem acreditar e defender suas obras milagreiras, outra estratégia de credibilidade. Em uma das pregações analisadas, por exemplo, Valdemiro conta sobre um médico que foi questionado por um paciente sobre os milagres operados pelo pastor. Segundo o apóstolo, ele e o tal médico chegaram a brincar juntos na infância, quando o pastor, ainda bem pobre, ia trabalhar roçando pasto na fazenda da família do médico. Ao ser questionado sobre o poder de milagreiro do Valdemiro, o médico respondeu à paciente que acreditava nos milagres que ocorriam pelas mãos no pastor e justificou que

“(...) num é possível esse homem sair de onde ele saiu // e chegar onde ele chegou (esse médico dizia) // Só se Deus colocar (ele falou).”

Dessa maneira o pastor mostra, estrategicamente, para seu público que o poder divino está acima da ciência, pois nem mesmo a ciência (representada pelo médico) consegue contrapor os feitos do apóstolo.

Também é comum, nas pregações, o pastor criticar algumas religiões, ou a falta delas, e outras crenças que estão em desacordo com os princípios de sua igreja, como quando critica certos ensinamentos de uma outra religião:

“Cês tão ensinando ERRADO”.

A falsa humildade é outra característica no discurso desse pastor e uma estratégia de identificação com seu público. Por meio desse afeto social o pastor tenta sensibilizar por seu caráter humilde, como quando diz

“Você sabe que a obra que eu faço não é obra de homem / Homem nenhum faz isso // Ainda mais um homem insignificante como eu.”

Ou ainda

“Eu tô engatinhando ainda, sabe, igreja?”

São recorrentes os testemunhos do pastor sobre o tempo em que era pobre e sobre dificuldades que passava antes de assumir compromisso com Deus; além de reforçar, por diversas vezes, que é um simples servo que Deus utiliza para operar milagres. Dizemos que se trata de uma falsa humildade porque é um afeto social que visa destaque, uma vez que utiliza desse afeto para reforçar que é um homem simples e humilde com privilégios divinos. Podemos dizer, até, que com isso o pastor busca certa semelhança com Jesus Cristo, um homem humilde com dons milagreiros.

O pastor procura, portanto, se destacar e não provar sua humildade e proximidade com seu público, já que destaca o privilégio de sua proximidade com Deus, por meio dos milagres e graças alcançadas por ele e pelos que fazem parte da sua igreja.

4.3.1 Análise prosódica da falsa modéstia do pastor Valdemiro Santiago

Discutiremos a seguir o papel da prosódia na expressão dos afetos sociais de crítica e de falsa modéstia na fala do pastor Valdemiro Santiago. Mostraremos os resultados encontrados nesses dois afetos sociais, bem como as medidas de frases neutras do mesmo locutor e descreveremos o comportamento da F_0 e da duração.

Vale lembrar que para esse locutor não realizamos medidas de intensidade pelo fato de ele usar microfone de mão, o que torna os dados imprecisos, uma vez que a distância entre a boca e o microfone pode variar constantemente devido aos movimentos da cabeça e do braço, alterando, assim, os valores da intensidade.

4.3.1.1 Medidas pontuais e movimentos de F_0 : neutro x falsa modéstia

Para a análise da frequência fundamental, medimos os pontos iniciais, finais, máximos, mínimos e a média dos enunciados, além dos movimentos finais e de ênfase,

quando havia. As mesmas medições foram realizadas nos enunciados neutros para que pudéssemos compará-las às médias obtidas nas demais expressões. A tabela abaixo traz as médias de F_0 e o desvio padrão de ambas as categorias, o que possibilita perceber o quão diferentes são as médias.

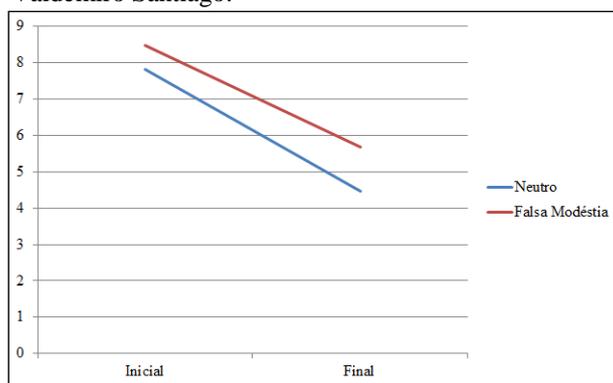
Tabela 7: Medidas dos pontos de F_0 (inicial, final, máximo, mínimo e média), em semitons por cem Hertz, e desvio padrão, entre parênteses, dos enunciados de falsa modéstia e neutros para o locutor Valdemiro Santiago.

	F_0 Inicial (st/100Hz)	F_0 Final (st/100Hz)	F_0 Máximo (st/100Hz)	F_0 Mínimo (st/100Hz)	F_0 Média (st/100Hz)
Falsa Modéstia n = 30 (DP)	8,90 (4,53)	5,29 (3,83)	15,55 (4,93)	4,84 (3,09)	9,20 (2,81)
Neutro n = 30 (DP)	7,18 (4,28)	2,28 (2,84)	10,97 (3,87)	1,96 (2,58)	7,48 (2,92)

Segundo os dados da tabela acima todas as médias, assim como o desvio padrão, são superiores nos enunciados de falsa modéstia, ainda que essa diferença não seja muito grande. A produção da falsa modéstia difere da produção de um enunciado neutro, haja vista as diferenças nas médias de frequência fundamental que mostra a curva mais movimentada nos enunciados mais atitudinais.

No que se refere ao movimento final, obtivemos o seguinte gráfico:

Gráfico 3: Movimento final descendente dos afetos sociais de falsa modéstia (vermelho) e neutro (azul) para Valdemiro Santiago.

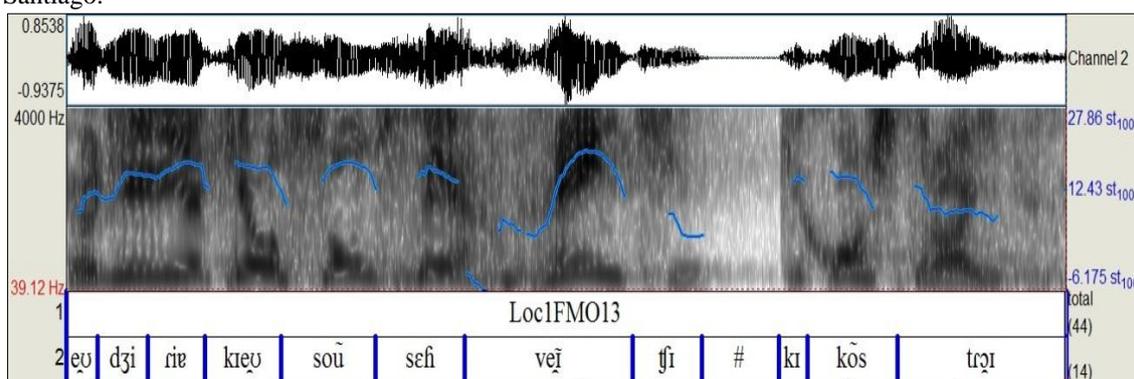


O gráfico nos mostra que as frequências dos movimentos finais são bem próximas e que ambos são descendentes. Nas expressões neutras a queda do movimento final inicia em 7,82st/100Hz e termina em 4,46st/100Hz, enquanto para os enunciados

que expressam falsa modéstia a queda do movimento de F_0 tem início em 8,47st/100Hz e termina em 5,67st/100Hz. Constatamos, então, que os movimentos melódicos finais para esse locutor são descendentes tanto para expressar falsa modéstia quanto para não expressar nenhum afeto social, mas a altura melódica dos enunciados mais atitudinais é maior que a dos enunciados menos atitudinais.

Nos enunciados de falsa modéstia que analisamos notamos que a maioria das ênfases formam movimentos circunflexos. Em média, para os movimentos de ênfase circunflexos, temos que os ascendentes iniciam em 8,27st/100Hz e terminam em 13,83st/100Hz. Por sua vez, os movimentos descendentes iniciam em 13,71st/100Hz e a queda termina em 11,03st/100Hz. A figura abaixo mostra um exemplo de movimento de ênfase para compreendermos melhor a formação das ênfases para este afeto social.

Figura 4: Forma de onda, espectrograma, curva melódica, grade de texto em transcrição fonética do enunciado de falsa modéstia “Eu diria que eu sou um servente que constrói” do locutor Valdemiro Santiago.



Na imagem, a ênfase localizada, aproximadamente, ao meio do enunciado, refere-se à sílaba “ven” do substantivo “servente”. No contexto em que foi dita o locutor compara a evolução da fé, dos conhecimentos e da sabedoria em Cristo com determinadas profissões ligadas à construção civil, para melhor entendimento do público. Então, fala que há vários tipos de ensinamentos e que ele, por ser um construtor simples, não se compara a um mestre de obras ou a um engenheiro, mas ele pode ser um servente que constrói, ou seja, uma pessoa de instrução inferior sob o comando de alguém com maior conhecimento, mas capaz de exercer a mesma atividade. Em outras palavras, falta-lhe apenas o título, não sabedoria.

Uma característica que notamos na falsa modéstia foi o deslocamento da ênfase em algumas frases com advérbio de negação “não”. O natural seria a ênfase se localizar na negação, porém ela se desloca para o pronome pessoas “eu”. Vejamos os exemplos:

Figura 5: Contorno da curva melódica da frase “Eu num posso produzir isso.”.

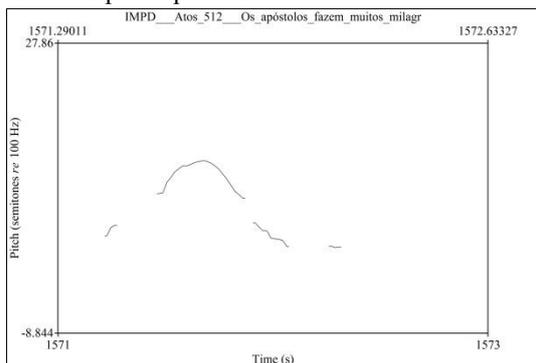
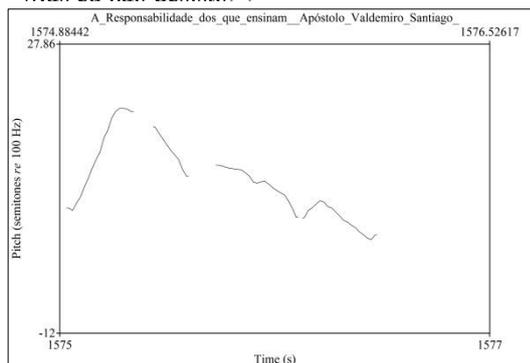


Figura 6: Contorno da curva melódica da frase “Mas eu não desisto.”.



Na primeira frase, “*Eu num posso produzir isso*”, Valdemiro refere-se aos milagres. No contexto, o locutor fala sobre ser usado por Deus para operar milagres aos que necessitam, pois homem nenhum faz milagres, portanto ele não pode produzi-los, mas Deus pode e é ele quem concede ao pastor esse poder. Isso reforça a credibilidade e a autoridade do pastor perante os fiéis.

Na segunda frase, “*Mas eu não desisto*”, o locutor fala das perseguições que vinha sofrendo e das ameaças e denúncias que o acusavam de charlatão e enganador. Segundo ele, essas pessoas querem estorvar a obra de Deus fazendo com que ele pare de exercer sua missão de servo de Deus na terra, mas ele segue firme em seus propósitos (nos propósitos de Deus para com ele, como diz) e não desiste.

Por se tratar também de uma frase declarativa negativa, espera-se que a ênfase seja dada no advérbio de negação, mas isso novamente não ocorre. A ênfase dada pelo pastor no pronome *eu* sugere que o locutor valoriza o sujeito da oração (ele mesmo) diante de determinada situação.

Nesse sentido, percebemos claramente como o locutor trabalha a falsa modéstia em seus discursos. A princípio, faz-se parecer humilde, um homem comum, mas em seguida volta o foco para si próprio como aquele que tem privilégios divinos e, por esse motivo, é superior aos demais humanos.

4.3.1.2 Medidas de duração: neutro x falsa modéstia

Assim como para os afetos sociais do outro locutor, medimos as taxas de elocução e articulação dos enunciados de falsa modéstia e comparamos com os neutros a fim de verificar e quantificar a diferença entre a quantidade de sílabas pronunciadas por segundo em cada categoria. Abaixo, a tabela mostra a média da taxa de elocução dos enunciados neutros (menos atitudinais) e de falsa modéstia (mais atitudinais).

Tabela 8: Média da taxa de elocução dos enunciados neutros e de conselho do locutor Valdemiro Santiago, em sílabas por segundo (síl/s).

	Taxa de articulação	Taxa de elocução
Neutro	5,72 síl/s	5,72 síl/s
Falsa Modéstia	4,84 síl/s	5,02 síl/s

Pela tabela, temos que a taxa de elocução dos enunciados neutros é superior à dos enunciados de falsa modéstia, sendo 5,72 síl/s contra 5,02 síl/s, ou seja, nos enunciados mais atitudinais, a fala do locutor é mais lenta que nos enunciados neutros. Ao considerar as pausas dos enunciados (taxa de articulação) a diferença de sílabas pronunciadas por segundo entre os enunciados neutros e falsa modéstia é ainda maior.

Sete dos 30 enunciados de falsa modéstia apresentaram pausas no enunciado. Na expressão desse afeto social não se trata de pausas respiratórias, mas sim de pausas que sucedem um prolongamento e são finalizadas em seguida, por exemplo: “*Eu, na minha insignificância, procuro sempre...crescer com essas palavras*”.

Os prolongamentos estiveram presentes em 9 dos 30 enunciados dessa categoria e tiveram uma média de 0,248s de duração, enquanto as demais sílabas do enunciado tiveram média de 0,213s. Não constatamos uma regularidade na coincidência entre prolongamentos e ênfases ou nos itens prolongados, que podiam ser verbos, advérbios, adjetivos ou substantivos.

4.3.2 Análise prosódica da crítica do pastor Valdemiro Santiago

4.3.2.1 Medidas pontuais e movimentos de F₀: neutro x crítica

Realizamos o mesmo procedimento para a medição dos pontos de F₀ nos enunciados de crítica: média dos pontos iniciais, finais, máximos, mínimos e as médias;

movimentos de ênfase e cálculo do desvio padrão dos enunciados. As médias encontradas foram comparadas às médias dos enunciados neutros a fim de observar contrastes melódicos entre as duas categorias de crítica e os enunciados neutros.

Ao realizar as medidas de frequência fundamental para este afeto social, notamos que o movimento final de alguns enunciados eram ascendentes e outros descendentes. Por esse motivo dividimos a crítica em duas categorias: crítica A (11 enunciados), cujo movimento final é ascendente, e crítica D (19 enunciados), cujo movimento final é descendente.

A tabela traz as médias das duas categorias para o afeto social de crítica, em seus dois subtipos (ascendente e descendente), e as medidas das médias dos enunciados neutros e o desvio padrão para que observemos as devidas diferenças.

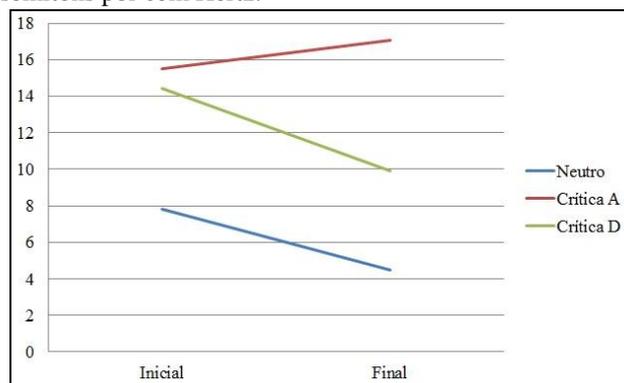
Tabela 9: Medidas dos pontos de F_0 (inicial, final, máximo, mínimo e média), em semitons por cem Hertz, e desvio padrão, entre parênteses, dos enunciados de crítica A (11 enunciados), crítica D (19 enunciados) e neutros (30 enunciados).

	F₀ Inicial (st/100Hz)	F₀ Final (st/100Hz)	F₀ Máximo (st/100Hz)	F₀ Mínimo (st/100Hz)	F₀ Média (st/100Hz)
Crítica A n = 11 (DP)	14,59 (4,82)	15,80 (6,13)	20,10 (5,05)	12,68 (4,37)	15,91 (4,07)
Crítica D n = 19 (DP)	12,81 (5,35)	8,85 (5,40)	18,02 (4,05)	7,98 (5,18)	12,95 (3,72)
Neutro n = 30 (DP)	7,18 (4,28)	2,28 (2,84)	10,97 (3,87)	1,96 (2,58)	7,48 (2,92)

Os dados da tabela nos mostram que as médias dos enunciados mais atitudinais são maiores que as médias dos enunciados neutros, assim como o desvio padrão. Como era de se esperar, as medidas confirmam que, nos afetos sociais mais atitudinais, há maior variação na curva de F_0 . Percebe-se, ainda, que a frequência é maior na categoria de crítica ascendente.

O movimento final revelou um aspecto interessante para a caracterização prosódica da crítica para esse locutor. Embora apresente o movimento ascendente, vale ressaltar que não se trata de um enunciado interrogativo. Todo corpus selecionado é composto por enunciados assertivos. No gráfico que segue podemos reparar a diferença entre o movimento final das três categorias analisadas em questão (crítica A, crítica D e neutro).

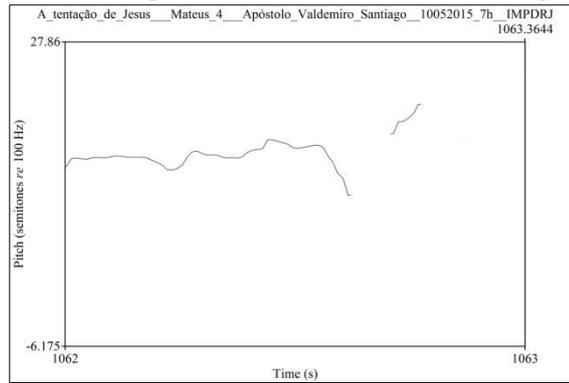
Gráfico 4: Movimento final dos enunciados de crítica A (vermelho), crítica D (verde) e neutros (azul), em semitons por cem Hertz.



No gráfico, podemos ver que as frequências dos movimentos finais são bem distintas umas das outras. Nas expressões neutras a queda do movimento final inicia em 7,82st/100Hz e termina em 4,46st/100Hz, enquanto para os enunciados que expressam crítica D a queda do movimento de f_0 tem início em 14,44st/100Hz e termina em 9,91st/100Hz. Para os enunciados de crítica A, no entanto, a subida inicia em 15,5st/100Hz e termina em 17,06st/100Hz. Encontrar uma categoria ascendente para a crítica foi, talvez, o dado mais inesperado nessa análise, pois mostra uma outra nuance para esse afeto social e instiga outros estudos a respeito.

Como parte do nosso processo de análise dos movimentos de F_0 , analisamos os movimentos de ênfase que encontramos nos enunciados de crítica. Para os enunciados em que a o movimento final da crítica era ascendente, encontramos dois tipos de movimentos de ênfase: o ascendente e o circunflexo. Os movimentos de ênfase ascendente têm início em 16,44st/100Hz e terminam em 20,15st/100Hz, em média. Já os movimentos circunflexos iniciam em 16,37st/100Hz , alcançam 20,37st/100Hz e terminam em 18,33st/100Hz, em média.

Figura 7: Curva melódica do movimento de crítica A com movimento de ênfase ascendente na frase "Eu não vou passar" do locutor Valdemiro Santiago.



Nesse enunciado o pastor divergia ideologicamente de uma determinada pessoa pertencente a outra religião sobre o “passar pela eternidade” após morte. O locutor faz uma declarativa enfática com tom de obviedade na palavra “passar” dizendo “Eu não vou passar”, alegando, em seguida, que vai *morar* na eternidade e não *passar*.

As críticas com movimento final descendente apresentam apenas movimentos circunflexos e, das médias dos movimentos ascendentes e descendentes das ênfases, constatamos que o movimento ascendentes iniciam em 15,20st/100Hz e terminam em 17,29st/100Hz. Já os movimentos descendentes iniciam em 17,32st/100Hz e a queda termina em 16st/100Hz.

4.3.2.2 Medidas de duração: neutro x crítica

Os enunciados de crítica, assim como os neutros, não apresentaram pausas, portanto, medimos apenas a taxa de elocução dos enunciados de crítica A e D e comparamos com os neutros para comparar cada categoria. Abaixo, a tabela mostra a média da taxa de elocução dos enunciados neutros (menos atitudinais), de crítica A e crítica D (mais atitudinais).

Tabela 10: Média da taxa de elocução dos enunciados neutros e de crítica A e crítica D de Valdemiro Santiago, em sílabas por segundo (síl/s).

Taxa de elocução	
Neutro	5,72 síl/s
Crítica A	5,75 síl/s
Crítica D	5,39 síl/s

Pela tabela, temos que a taxa de elocução dos enunciados neutros não difere de maneira significativa dos enunciados de crítica, seja na categoria ascendente ou descendente. A taxa de elocução dos enunciados neutros é apenas 0,03síl/s mais lenta que a média dos enunciados de crítica ascendente. Já a crítica A é 0,36síl/s mais rápida que a crítica D; apesar disso não podemos afirmar que a taxa de elocução seja um dos requisitos para diferenciar essas categorias, pois os números não são diferentes o suficiente para fazer tal afirmação. Isso nos mostra, portanto, que o que diferencia os afetos sociais de crítica dos neutros não é a velocidade de fala, mas os movimentos de F_0 ou outros parâmetros prosódicos.

Ao observar a ocorrência de prolongamentos, notamos que esses estavam presentes somente em enunciados de crítica D e, mesmo assim, em apenas 7 enunciados, sendo que em 3 deles os prolongamentos não coincidiam com os movimentos de ênfase.

Os prolongamentos tiveram uma média de 0,283s e as demais sílabas 0,219s de duração. Os itens prolongados por esse locutor eram, em sua maioria, verbos, substantivos e adjetivos. Às vezes ocorre de o item enfatizado ser um verbo localizado no início da frase e de o prolongamento estar presente em algum substantivo mais ao final do enunciado.

4.3.3 Qualidade de voz

Como mencionamos anteriormente, a nossa proposta é analisar perceptivamente a qualidade de voz. Por meio do uso de determinada qualidade de voz o locutor pode sinalizar intenções de fala, dentre elas os afetos sociais.

O locutor Valdemiro Santiago faz uso de qualidade de voz soprosa em algumas vezes quando quer expressar falsa modéstia. No enunciado “*Eu não posso parar*”, por exemplo, quando o locutor fala sobre as perseguições que vem sofrendo e se mantém resistente, o verbo *parar* apresenta uma soprosoidade que, no contexto, pode ser associada a cansaço ou respiração ofegante. Isso aliado ao conteúdo produz um efeito que é um trabalho árduo para aquele que o faz, mas apesar do cansaço, ele não vai parar.

Em determinado momento de uma das pregações o locutor faz uma comparação entre Jó e Moisés, voltando-se para as dificuldades pelas quais passaram e não

desistiram de seguir a Deus. O pastor, direcionando os fiéis a pensar que Jó, personagem bíblico conhecido por ser muito pobre, mas de muita fé, sofreu mais que Moisés, que também é um personagem bíblico de muita fé, porém não carrega a característica de era um homem pobre como Jó. Então pergunta: “*Você acha que Moisés passou o que Jó passou?*” e ele mesmo responde “*É claro que não*”. Esse enunciado “É claro que não” o pastor critica os que pensam que o sofrimento de Moisés se compara ao sofrimento de Jó. A qualidade vocálica desse enunciado se diferencia da sua voz e atinge o tom tão agudo que se assemelha a um falsete.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por finalidade investigar a construção prosódica e discursiva em discursos religiosos neopentecostais. Para isso selecionamos dois líderes religiosos de forte influência midiática no Brasil: o pastor Romildo Ribeiro Soares, líder e fundador da Igreja Mundial da Graça de Deus, e o pastor Valdemiro Santiago de Oliveira, líder e fundador da Igreja Mundial do Poder de Deus.

As análises foram feitas por meio de 05 vídeos, para cada locutor, de pregações religiosas de, aproximadamente, 50 minutos de duração. Deles foram selecionados momentos em que os locutores utilizavam afetos sociais para corroborar a persuasão no discurso.

Em relação às análises discursivas, percebemos que o *ethos* construído pelos pastores diante de seu público é um fator interessante a ser investigado. R.R. Soares, por exemplo, se porta como autoridade, autorizado por Deus, criando um distanciamento do público, mas mantendo com eles uma relação fraternal, aconselhando e expulsando inimigos ou rogando a Deus que afaste as “forças do mal” de seus fiéis. Dentre os afetos sociais que aparecem no discurso desse pastor, o conselho e a ordem são os mais frequentes em todos os vídeos, uma característica da construção de seu discurso e de seu *ethos*. Quando se dirige aos fiéis, o pastor procura aconselhar incentivando comportamentos adequados, segundo a igreja, e recrimina, expulsa e condena toda atitude que possa afastar os fiéis da vida em Cristo, alegando que essas atitudes são obras de forças malignas. Dessa forma, o locutor mostra-se conselheiro e protetor, agindo como uma pessoa de bem que aspira à graça para toda sua comunidade.

Por sua vez, no discurso do Valdemiro Santiago observamos que ele se coloca como um crítico no que tange às demais crenças religiosas e comportamentos inadequados perante a ideologia da sua igreja e também em relação àqueles que duvidam de “seus” milagres e benfeitorias. Além da crítica, a falsa modéstia foi outro afeto social que caracteriza seu discurso e sua construção *ethica*. Ao se valer dessa expressão de fala, o pastor procura destacar sua humilde expondo suas origens e dando testemunhos sobre suas obras e suas experiências de vida, porém procura evidenciar que foi o escolhido por Deus para operar milagres. Observamos, portanto, que a humildade insistentemente destacada pelo pastor tem por intenção destacá-lo diante dos demais

homens humildes, ressaltando sua afinidade com o plano divino por operar milagres em nome de Deus.

Quanto aos elementos prosódicos, notamos que há mudança nos parâmetros de duração e de F_0 quando os enunciados são mais atitudinais. As expressões de ordem, conselho e crítica e falsa modéstia apresentam valores mais altos de F_0 que os enunciados neutros, sendo a crítica o afeto social com a frequência mais alta. O movimento final para todas as categorias apresentou-sedescendente, exceto uma categoria de crítica em que encontramos alguns enunciados com movimento final ascendente.

As ênfases foram observadas somente da ocorrência de enunciados mais atitudinais, mesmo assim, apenas 40 dos 120 enunciados mais atitudinais apresentaram ênfase, em sua maioria, com movimento circunflexo. Dois enunciados atitudinais de crítica apresentaram ênfase ascendente, o que requer estudos mais profundos sobre esse aspecto para esse afeto social.

No que diz respeito à duração, pontuamos que os locutores tendem a adotar uma velocidade de fala mais lenta nos enunciados atitudinais, o que sugere uma estratégia para chamar a atenção do ouvinte fazendo com que ele assimile melhor o que está sendo dito naquele momento, sendo a ordem o afeto social com menor taxa de elocução.

Embora a intensidade tenha sido calculada apenas para um dos pastores, percebemos que nos enunciados mais atitudinais ela é mais forte que nos enunciados neutros, sendo as expressões de ordem mais intensas que as expressões de conselho.

Por meio deste estudo de caso, percebemos o papel da prosódia como um elemento discursivo que faz parte da argumentação e que, aliada aos demais componentes do discurso oral religioso, contribui para a construção do sentido e, consequentemente, para persuadir.

Os resultados possibilitam comprovar o que muitos trabalhos do campo da argumentação e do discurso apontam sobre a importância dos aspectos da fala na construção do discurso oral. Constatamos que os parâmetros prosódicos da fala, como frequência fundamental, duração e intensidade, sofrem ajustes quando o locutor expressa suas intenções e seus afetos. Além disso, notamos que os afetos sociais no discurso colaboram para a construção do *ethos* persuasivo no discurso religioso.

Foi possível apontar a importância da prosódia como um componente discursivo da oralidade que corrobora a persuasão no discurso religioso neopentecostal. Sendo assim, finalizamos este trabalho certas de que a prosódia é, de fato, um elemento linguístico que atua na construção de sentido nos discursos da oralidade.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. contribuição da Nova Retórica para a AD: o estudo do logos par aa Ciências da Linguagem. In: EMEDIATO, W.; LARA, G. M. P. Análises do Discurso Hoje. Volume 4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p. 11-28.
- AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008.
- AMOSSY, R. O Ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: AMOSSY, Ruth. (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 119 – 136.
- ANTUNES, L. B. *Análise da entonação de enunciados declarativos e interrogativos na fala de crianças*. 157f. Dissertação. (Mestrado em Letras: Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- ANTUNES, L. B. *O papel da prosódia na expressão das atitudes do locutor em questões*. 2007. 306 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- ANTUNES, L. B.; AUBERGÉ, V.; SASA, Y. Certainty and uncertainty in Brazilian Portuguese: methodology of spontaneous corpus collection and data analysis. In: *Proceedings of the 7th Conference on Speech Prosody*. Dublin, 2014. p. 110-114.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Fermhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 2^a ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005 (Col. Biblioteca de autores clássicos).
- AUBERGÉ, V. A gestalt morphology of prosody directed by functions: the example of a step model developed at ICP. In: *Proceedings of the 1st Conference on Speech Prosody*. 2002. p. 151-155.
- BARROS FILHO, C. *A construção social da voz*. IN: KYRILLOS, Leny R. *Expressividade: da teoria à prática*, livraria e Editora REVINTER Ltda, RJ, 2005.
- BOLLELA, M. F. F. P. A prosódia como instrumento de persuasão. In: NASCIMENTO, E. CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: introdução à teoria e prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 1992 (Coleção ideais sobre Linguagem).
- BOLLELA, M. F. F. P. A prosódia como instrumento de persuasão. In: NASCIMENTO, E. M. F. S. et al. (Orgs.) *Práticas enunciativas em diferentes linguagens*. Franca: Unifran, 2006. (Coleção Mestrado, 1).
- CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. *Caderno de Estudos Lingüísticos*. Campinas: n. 23, p. 137-151. Jul./dez. 1992.

CAMPBELL, N.; MOKHTARI, P. Voice quality: the 4th prosodic dimension. In: *Proceedings of the 15th International Conference of Phonetic Sciences*, 2003. p. 2417-2420.

CHARAUDEAU, P. *A palavra confiscada*. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

CHARAUDEAU, P. *A patemização na televisão como estratégia de autenticidade*. In: MENDES, E. MACHADO, I. L. (Orgs.) *As emoções no discurso*. Volume II. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

CHARAUDEAU, P. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARFUELAN, M.; SCHRÖDER, M. *Investigating the prosody and voice quality of social signals in scenario meetings*. In: *Proc. Affective Computing and Intelligent Interaction*. Tennessee, Estados Unidos. 2011.

CITELLI, A. *Linguagem e persuasão*. 2. ed. São Paulo: Ática, Série Princípios, 1986.

CORADI, C. A. *Estudo prosódico da saudação inicial na fala do operador de telemarketing ativo*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

COUPER-KUHLEN, E. *Na introduction to English Prosody*. Tübingen. Niemeyer, 1986.

CRYSTAL, D. *Prosodic systems and intonation in english*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

FERREIRA, A. B. H. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa; coordenação de edição Marina Baird Ferreira; equipe de lexicografia Margarida dos Anjos*. 7. Ed. – Curitiba: Ed. Positivo; 2008. 896p.

FERREIRA, M. *Glossário de termos do discurso*. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2001.

FERREIRA, W. M. A. C. *Construção prosódica e discursiva da ironia em fala espontânea e fala atuada*. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos da Linguagem). Ouro Preto, UFOP, 2015.

FIGUEIREDO, M. F. A prosódia nas religiões do Brasil. *Revista Contextos Linguísticos*, n. 4, v. 4, p. 77-98, 2010.

FÓNAGY, I. Des fonctions de l'intonation: essay de synthèse. In: *Flambeau*, Tokyo, n. 29, 2003. p. 1-20.

GOLDMAN, J. P., AUCHLIN, A., SIMON, A. C., AVANZI, M. Phonostylographe :un outil de description prosodique. *Comparaison du style radiophonique et lu*. In: *Nouveaux cahiers de linguistique française* (2007), p. 219-237.

KIM, I.; MATHON, C.; Boulakia, G. *Rhetorical Prosody in French Courtroom Discourse. Speech Prosody*, Estados Unidos da América, janeiro de 2010.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. 7. Ed. – São Paulo: Cortez, 2002.

LAVIER, J. *The Phonetic Description of Voice Quality*. Cambridge University Press: Cambridge, 1980. 1981. *Apud* QUEIROZ, H. dos S. *A contribuição da prosódia e da qualidade de voz na expressão de atitudes do locutor em atos de fala diretivos*. Tese (Doutorado em Linguística). Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2011.

LEDEFOGED, P. *Elements of Acoustic phonetics*. 2ª ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1996. *Apud* CORADI, C. A. *Estudo prosódico da saudação inicial na fala do operador de telemarketing ativo*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

MAC, D.; AUBERGÉ, V.; CASTELLI, E.; RILLIARD, A. Local vs. Global Prosodic Cues: Effect of Tones on Attitudinal Prosody in Cross- Perception of Vietnamese by French. *Proceedings of the 6th Speech Prosody*, 2012, p.222-229.

MASSINI-CAGLIARI, G; CAGLIARI, L. C. Fonética. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, p. 105- 146, 2001.

MARIANO, R. *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, 4ª Ed. 2012. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1999.

MORAES, João. *Recherchessurl'Intonation Modaledu Portugais Brésilien Parlé à Rio de Janeiro*. Thèse de Doctorat de Troisième Cycle. Université de la Sorbonne Nouvelle, Paris III, 1984. *Apud* ANTUNES, L. B. *Análise da entonação de enunciados declarativos e interrogativos na fala de crianças*. 157f. Dissertação. (Mestrado em Letras: Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: UFMG, 2000.

MOURA, K. A. de Buscai as coisas do alto: *aspectos argumentativos e prosódicos do discurso religioso de padre Léo*. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca. Franca, 2009.

MOURA, L. S. *O papel da prosódia na expressão de atitudes de ataque ao ethos no discurso político*. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos da Linguagem) Ouro Preto, UFOP, 2016.

OLIVEIRA, M. *Poder e persuasão no discurso religioso medieval*, Revista Eletrônica de Linguística, DOMINIOS DA LINGU@GEM, Ano 1, nº 1- 1º Setembro de 2007 – ISSN 1980-5799 FFLCH-USP.

OLIVEIRA, B. F. V. de. *A prosódia na expressão das atitudes de dúvida, incerteza e incredulidade no português brasileiro*. 194f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: UFMG, 2011.

PATRIOTA, K. e ALMEIDA, G. Entre os planos humano e divino: *uma análise de discursos religiosos na mídia*. Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, v. 6, n.1, p. 63-81, jan./abr. 2006.

PEÑA-ALFARO, A. A. *Estratégias discursivas de persuasão em um discurso Religioso neo-pentecostal*. 2005. 246f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2005.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PIKE, K. *The Intonation of American English*. Michigan: University of Michigan Press, 1945. *Apud*: CRYSTAL, D. *Prosodic Systems and Intonation in English*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

PULLMAN, G. *Persuasion: History, theory, practice*. Copyright©, 2013.

QUEIROZ, H. dos S. *A contribuição da prosódia e da qualidade de voz na expressão de atitudes do locutor em atos de fala diretivos*. Tese (Doutorado em Linguística). Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2011.

REIS, C. *L'Interaction Entre l'Accent, l'Intonation et le Rythme en PortugaisBrésilien*. Thèse de Doctorat. Aix-en-Provence: Université de Provence, 1995. *Apud* ANTUNES, L. B. *O papel da prosódia na expressão das atitudes do locutor em questões*. 2007. 306 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

RODRIGUES, E. M. L.; FIGUEIREDO, M. F. O discurso religioso e a tríplice influência: argumentação, texto e prosódia. Diálogos pertinentes – Revista Científica de Letras. Franca, SP, v.4, n. 4, p. 213-242. Jan/dez. 2008.

SANTOS, G. C.; BOLLELA, M. F. F. P. Velocidade e volume: elementos de persuasão no discurso religioso. In: *V Encontro de Iniciação Científica e de Professores Pesquisadores; II Encontro de Pesquisadores da Pós-Graduação*. Franca: UNIFRAN, 2008. P. 421-424.

SCHERER, K. BANZINGER, T. Emotional Expression in Prosody: A Review and an Agenda for Future Research. In: *Proceedings of Speech Prosody*. Japão, março de 2004.

SCHERER, K. Vocal Communication of emotion: a review of research paradigms. *Speech Communication*, v. 40, 2003. p. 227-256.

SHOCHI, T.; AUBERGÉ, V.; RILLIARD, A. How prosodic attitudes can be false friends: Japanese vs. French social affects. In: *Proceedings of 3rd Speech Prosody*. Dresden, maio de 2006. CD-Rom.

SILVA, C. R.; CÓRDULA. M. M; BOLELLA. M. F. F. P. A prosódia como marcador discursivo nas narrativas do texto oral religioso espírita. Anais do 6º. CONAPE. São Carlos, SP: UNICEP, 2007. p. 414-418.

SILVA, J. P. de G. *Análise dos aspectos prosódicos na expressão da certeza e da dúvida no português brasileiro*. 171f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: UFMG, 2008.

SOUSA, A. A. A.; PINTO, M. J. V. *Sofistas: Testemunhos e Fragmentos*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

TENCH, Paul. *The roles of intonation in English Discourse*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1990. 534p. Apud ANTUNES, L. B. *O papel da prosódia na expressão das atitudes do locutor em questões*. 2007. 306 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

VOLOSINOV, V. N. *Discourse in life and discourse in poetry*. In: SHUKMAN, Ann (Org.). *Bakhtin school papers: Russian poetics in translation*. V 10. Oxford: Oxford University Press, 1983 [1926]. Apud PATRIOTA, K. e ALMEIDA, G. Entre os planos humano e divino: *uma análise de discursos religiosos na mídia*. Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, v. 6, n.1, p. 63-81, jan./abr. 2006.